Deliberou a Segunda Classe da Academia Real das Sciencias, instituir algumas conferencias onde publicamente se tratassem varios pontos relativos aos descobrimentos de Portugal, aos nossos esforços e diligencias no que respeita á civilisação da Africa, e ás relações d'este continente com o nosso paiz. Proposto o assumpto na Assembléa Geral, decidiu a Primeira Classe tomar parte n'estas conferencias. Resolveu-se que as conferencias fossem distribuidas impressas na occasião de serem recitadas, mas que a paginação de cada uma d'ellas se seguisse á da anterior, para no fim todas reunidas formarem um volume.

Com a ultima conferencia serão distribuidos os indices, a folha de rosto e a capa.

Junho de 1877.

PRIMEIRA CONFERENCIA

A ESCOLA DE SAGRES

E

AS TRADIÇÕES DO INFANTE D. HENRIQUE

PELO SOCIO

MARQUEZ DE SOUZA HOLSTEIN

SENHORES:

Entre as épocas memoraveis da historia de Portugal, poucas haverá que possam emparelhar-se com os annos que decorreram desde o fim do seculo XIV até ao descair do seguinte.

Abre este periodo a batalha de Aljubarrota; fecha-o com chave de ouro o descobrimento do caminho para as Indias. Iniciou-o a rija espada do mestre de Aviz; põe-lhe termo a realisação do grandioso sonho de D. Henrique. N'estas dezenas de annos transforma-se o mundo; rasgam-se novos caminhos á actividade humana; cria-se a nautica moderna; reforma-se a tactica antiga; erguem-se paizes ao fastigio do poder e da riqueza; descaem outros em abatimento d'onde nunca mais se levantam; acaba de vez a edade média; firma-se triumphante e incontestado o renascimento das sciencias, das lettras e das artes.

É n'este seculo que se descobre a polvora e se inventa a typographia; ambos poderosos agentes de reformas, um pela violencia, outro pela convicção; ambos origem de grandes bens quando usados, um em vencer a natureza, outro em allumiar as almas; mas origem tambem de grandes males quando usados, um em fulminar a destruição ao corpo, outro em derramar a confusão no espirito.

N'este curto espaço de cem annos, descobre Copernico a rotação da terra, passa Gil Eannes o cabo Bojador, dobra Bartholomeu Dias o cabo das Tormentas, chega Vasco da Gama ás Indias, alcança Colombo a America. É metade do mundo revelado á outra metade. É o seculo de Joanna d'Arc e de Luiz XI de França, do principe negro e de Henrique VII em Inglaterra, do conde Verde da Saboia, e de Carlos o temerario de Borgonha, de Izabel a Catolica em Hespanha, de Lourenço o magnifico em Florença, e tambem de Bajazeto, de Tamerlano, e Mahomet II; é o seculo das grandes batalhas: Azincourt, Constantinopla, Aljubarrota, Granada. É a época de Machiavello e de Savonarola, o subtil conselheiro do despotismo, e o fogoso defensor da liberdade. Constitue-se a monarchia hespanhola, fórma-se a nacionalidade franceza, centralisa-se o governo inglez, baqueiam as republicas italianas. É o seculo em que se instituem os exercitos permanentes e se estabelece a diplomacia européa. Multiplicam-se as grandes viagens e começa a agitação das intelligencias. Estão irrequietos, sedentos de movimento e de vida os corpos e os espiritos. Em quanto marinheiros audazes se afoutam a penetrar nos oceanos inexplorados, reformadores não menos ousados discutem idéas e dogmas, e tentam sondar o abysmo bem mais inexploravel das consciencias.

Na egreja levantam-se papas e anti-papas; a christandade hesita, sem saber a qual deva prestar obediencia; chega a haver ao mesmo tempo tres pontifices, cada um excommungando o outro; é o grande schisma do occidente; o concilio de Constança não consegue socegar os animos; o de Basiléa tem egual sorte. No seio da egreja e fóra d'ella apresentam-se tentativas de reformas que todas se mallogram. A pragmatica sancção é decretada para logo ser abolida. Os soberanos e as nações ora se inclinam para Roma, ora d'ella se afastam, conforme lhes vae a seus interesses particulares. Despontam ao longe, como timidos clarores de afastado incendio, os primeiros vislumbres do livre exame, e das grandes heresias protestantes.

Nascem n'este seculo S. Ignacio e Luthero, que tinham de en-

cher o seguinte com o rumor de uma lucta que em nossos dias ainda está tão viva como n'aquelles. Os gregos fogem de Constantinopla e trazem para o occidente os germens d'onde havia de desabrochar a frondosa arvore do renascimento, que ao findar do seculo xv era já rica de formosos fructos, e mais rica ainda de flores que promettiam nova e abençoada colheita.

Percorria o mundo um sopro de vida; estremecia a sociedade até ao mais intimo das suas fibras, como estremece a natureza na primavera quando desponta o sol, e se despede a noite com o seu cortejo de trevas e de silencio.

Ia com effeito começar para o mundo um novo dia, e cerrar-se para sempre uma longa noite. Abria-se um novo periodo no cyclo incommensuravel da existencia da humanidade.

Portugal não ficára estranho a este renascer para a vida. Salvo dos tristes lances em que o ia precipitando a fraqueza de D. Fernando e a ambição de D. Leonor, acordou rejuvenescido e vigoroso nos fortes braços do mestre de Aviz. A elles se acolhera nas horas do perigo; n'elles confiou, quando dissipada a procella, buscou quem n'o guiasse pelo caminho da civilisação e do progresso. Julgou, e julgou bem, que a mão que havia brandido com tanto valor a espada, saberia sustentar com não menos prudencia e firmeza o sceptro.

Auxiliado por seus valentes companheiros, consolidou D. João I a independencia portugueza, e n'esses campos onde depois levantou como immoredouro padrão de esplendida façanha, o mosteiro a que esta deu o nome, foi buscar para a sua fronte recemcoroada a uncção sacrosanta que só póde conferir a gloria. Déra-lhe a coróa a vontade da nação; firmou-lh'a na cabeça o esforço dos seus homens. O ouro do diadema, tão novo ainda, offuscava os olhos affeitos aos mais apagados esplendores das monarchias do direito divino; mas o sol das batalhas envelheceu bem depressa esta real insignia, forrada de capacete de ferro, não de gorro de veludo.

Ao esforço do mestre de Aviz correspondeu o esforço da nação inteira. Os portuguezes do seculo xiv mostraram-se dignos

herdeiros dos portuguezes de Affonso Henriques, os fundadores da patria.

A quem o duvidou responderam affirmando nos campos de Aljubarrota, dos Atoleiros e de Trancoso que portuguezes tinham nascido e portuguezes queriam morrer; affirmando que não era ficticia a idéa da nossa nacionalidade, nem artificial a nossa vida independente; affirmando que nossos eram os territorios que haviamos arrancado aos mouros para fundarmos a patria, e que nossos haviam de permanecer; affirmando que era digno de ser um povo independente e livre quem sabia combater com tanto valor, e reger-se com tanta prudencia; quem sabia obedecer a Nuno Alvares nos campos de batalha e a João das Regras nas côrtes de Coimbra. Responderam assim os nossos avós do seculo XIV, e responderiamos nós tambem, se alguem de nós duvidasse.

A este homem de tão rija tempera que se chamou D. João I, concedeu a Providencia, para elle tão liberal de beneficios, uma esposa estremosa, modelo das rainhas e das mães, e uma descendencia que lhe accrescentou florões á sua já tão opulenta corôa. Se, como diz o grande poeta francez:

«...les coeurs de lion sont les vrais coeurs de père:»

bem póde o coração de D. João I espandir-se nas intimas e suaves alegrias da familia, ao voltar d'essas guerras tão cheias de privações e trabalhos, ou d'esses conselhos de governo ás vezes tão amargurados pelas dissenções intestinas do seu chanceller e do seu condestavel.

Não quero, deliberadamente não quero, para não accrescentar leitura, desvendar perante vós os retratos d'essa mulher, a cujos encantos dava realce um animo varonil, fiel e estremecida companheira de 28 annos do mestre de Aviz; d'esses filhos a um tempo, sabios, heroes e martyres, a quem Portugal deve serviços a nenhuns outros eguaes. Furto-me com pena, meus senhores, de lhes apresentar os admiraveis perfis de D. Filippa e de seus filhos, tra-

çado pelo velho Fernam Lopes, n'essa chronica que é o primeiro livro de historia portugueza. Mas para que repetir o que anda na memoria de todos? para que pintar-vos essa rainha que «em seus perfeitos costumes, diz o chronista, assás seria dabastosa ensinança pera quaesquer molheres posto que de menor estado fossem» se em seus filhos podeis aquilatal-a?

Entre os filhos de D. João I quatro avultam nas paginas da nossa historia.

D. Duarte, que depois succedeu a seu pae, foi, antes de rei, philosopho e escriptor; nos livros procurou a difficil sciencia de governar os homens; foi o primeiro que em Portugal fundou uma bibliotheca. Restam d'elle varias obras notaveis pela elevação do conceito e primor da phrase. Era verdadeiramente amigo dos que trabalham (1). Não se creia porém que o ser lettrado excluisse em sua pessoa as virtudes militares. A severa e forte educação que D. João I dava aos filhos (2), costumando-os desde a infancia a monterias e justas, preparava guerreiros esforçados e soldados briosos. Bem o provou D. Duarte em Ceuta, onde a sua primeira façanha foi despojar-se, logo ao desembarque, de grande parte de suas armas, para melhor combater de pé no mais cerrado da lida (3). Foi breve e cortado de muitas desditas o seu reinado: varias pestes e fomes, a mallograda expedição de Tanger, e o captiveiro de seu irmão D. Fernando, foram os principaes episodios que assignalaram o governo d'este principe, fadado certamente para grandes commettimentos, mas a cujas elevadas qualidades fazia sombra certa timidez de caracter e incerteza de resolução, que talvez só fossem filhas do desejo de acertar, e do apurado da consciencia. Ao estudar este tão curto e desditoso reinado, ao considerar as virtudes d'este soberano, e os seus, se é que lhes cabe este nome, defeitos, que afinal eram apenas o excesso das suas qualidades, acode involuntariamente á memoria a comparação com outro reinado e com outro principe, cuja prematura falta o paiz inteiro pranteou com magua sincera e não arrancada por demonstrações officiaes em que não entra o coração. O

mesmo amor ao estudo, a mesma ingenita delicadeza de consciencia, a mesma vida purissima, o mesmo affecto pela familia, a mesma educação esmerada a que presidira uma rainha, modelo como D. Filippa, das virtudes conjugaes e maternas, o mesmo valor diante dos perigos, a coragem serena e fria do homem que sabe cumprir o seu dever, a mesma amizade pelos que trabalham; e para nada faltar, até nas pestes que assolaram o paiz, se parecem os dois reinados.

Era immediato a D. Duarte o infante D. Pedro, duque de Coimbra. Fôra longo referir-vos, mesmo em resumo, o muito que d'elle se póde dizer. Não menos illustrado que seu irmão primogenito, compoz em vulgar uma obra de moral a que poz nome *Vertuoza Bemfeitoria,* (4) obra que não foi nunca impressa, e que bem deveria sel-o, ainda que não fosse senão para firmar os creditos de erudito que merece este esclarecido principe. Entrou com seu pae e seus irmãos na expedição de Ceuta, onde como elles se cobriu de gloria. Voltando ao reino, emprehendeu uma longa peregrinação de 12 annos por essas terras da Europa, onde foi buscar, como remate, á sua educação pelos livros, o conhecimento dos homens e das nações. Aureolou-lhe a fronte, com uma lenda que ainda vive, esta dilatada viagem, rara hoje nos fastos das côrtes, rarissima então. Não ficando chronica viridica d'esta jornada, fabricou-a o povo com a sua vivissima imaginação de poeta, e reduziu-a a escripto Gomes de Santo Estevam, que alguns dizem haver sido companheiro do infante, mas que talvez fosse apenas o rhapsode obscuro que recolheu e deu fórma litteraria ás muitas composições populares e anonymas que sobre o infante corriam (5).

Pela morte de D. Duarte ficou D. Pedro regente do reino, durante a menoridade de seu sobrinho D. Affonso v, apesar da opposição pouco patriotica de grande parte da nobreza. Mas o povo idolatrava o infante, e desadorava a rainha que sobre ser estrangeira, era accusada, talvez sem fundamento, de haver exercido mais de uma vez, influencia excessiva e funesta no animo do defunto rei. Nas côrtes de Torres Vedras rompeu furiosa a tempes-

tade. De um lado, a favor da rainha, quasi todos os grandes ecclesiasticos e seculares; do outro, pelas partes de D. Pedro, todos os procuradores do povo. Ao tino e prudencia de D. Henrique, e á moderação de D. Pedro se deveu uma concordia, que por algum tempo salvou o perigo. O compromisso então tomado foi porém pouco depois quebrado pela rainha, mas a voz potente do povo de Lisboa, eccoando sonora sob as vetustas abobadas de S. Domingos, chegou ao regio alcacer, e amedrontou D. Leonor. Não vêm para aqui referir-vos as dramaticas peripecias d'este tão interessante capitulo da nossa historia. Baste dizer-vos que D. Pedro, acclamado regente pela vontade nacional, que poucos annos antes, elevára o mestre de Aviz ao throno de Affonso Henriques, viu o seu poder reconhecido pelo paiz inteiro, retirando-se a rainha para Castella, depois de haver tentado, mas em vão, de atear a guerra civil. Era a segunda vez, em pouco mais de cincoenta annos, que se affirmava desassombradamente o grande principio da soberania nacional, unica e verdadeira legitimidade das dynastias, e principio nunca inteiramente esquecido em Portugal, mesmo quando pareceu esconder-se por alguns annos nas amplas pregas do manto vermelho do absolutismo, mas que volveu triumphante a inscrever-se no nosso codigo politico, á sombra da gloriosa e liberal bandeira azul e branca.

Andam na memoria de todos os tragicos successos que terminaram na jornada d'Alfarrobeira, n'este triste engano cuja responsabilidade não quizeram accitar nem vencedores nem vencidos. Repousou afinal o infante D. Pedro das suas longas fadigas, e como lhe fôra companheiro fiel nos arriscados lances da vida, o nobilissimo Antão Vaz d'Almada, o derradeiro cavalleiro portuguez, assim lh'o foi na morte obscura, n'aquelle dia funesto que, para honra nossa, melhor seria que não tivesse nascido...

De D. Henrique, immediato a D. Pedro, direi logo com mais individuação.

No primeiro plano d'esta scena tão cheia de vida e luz, apparece-nos pensativa e pallida a figura de D. Fernando, o infante

santo, este heroe da dedicação obscura e resignada. Não vos quero entristecer, senhores, trazendo á vossa memoria lembrança da mallograda expedição de Tanger e das suas funestissimas consequencias. Esta expedição, auctorisada a custo por D. Duarte, que antevia os riscos de toda a sorte a que iam expor-se seus irmãos para elle tão queridos, fôra planeada pelo proprio D. Fernando que não podia acabar comsigo de não ganhar, como seus primogenitos, as esporas de cavalleiro, em terras d'Africa, combatendo os infieis. Todos sabem o desenlace d'esta triste jornada, na qual iamos perdendo Ceuta e não tomámos Tanger, que só foi conquistada por Affonso v depois de vencida Arzilla; ninguem ignora que o desditoso Fernando teve de ser dado em refem a Salat-ben-Salat, governador de Tanger em nome do regente de Fez, e que para se não restituir Ceuta aos mouros se lhes deixou o infante. Dez annos durou o apertado captiveiro; dez longos annos de padecer e de miseria levou a morte a chegar. Ora coberto de ferros, ora condemnado aos mais infimos trabalhos, ora encerrado em estreita masmorra, padecendo fome, vestido de andrajos, exposto aos apupos da plebe mais vil, pagou assim o martyr a divida que outros, não elle só, contrairam. Ninguem a olhos enxutos poderá ler a narrativa singela, mas profundamente sentida, que d'estes trabalhos escreveu o seu companheiro de infortunio fr. João Alvares (6), na qual nos refere como se fartou a crueldade dos mouros n'aquelle innocente prisioneiro. Deixaram-n'o morrer á mingua, e só depois de morto lhe tiraram os ferros (7).

Na memoria de todos ficou a paciencia, a inteira conformidade, a fortaleza de animo com que, no dizer do nosso grande épico (8) o

«...santo Fernando
Por salvar o povo miserando,»

levou a sua pesada cruz, e quando, n'ess'outra jornada d'Africa, mais fatal ainda do que a primeira, porque n'ella sumiram-se a

um tempo patria e rei, novos captivos portuguezes foram succeder nos carceres mouros aos que a morte havia já arrebatado, bem podia o mavioso fr. Thomé de Jesus, lembrando-se da desdita do regio prisioneiro, exclamar na sua doce e mystica linguagem «quam bemaventurados são os que choram... O cabo de todo o prazer do mundo... é tristeza ou morte... Oh quanto melhor está... o servo de Deus, desfavorecido do mundo e que o mundo tem por indigno de seus falsos gostos» (9).

Um quinto filho, D. João, houve o mestre d'Aviz de sua mulher D. Filippa. Deixou-nos d'este principe pouca noticia a historia. Não brilha, como seus irmãos, na primeira plana. Parece comtudo haver sido homem de bom conselho, porque é memorado como um d'aquelles a quem pediu parecer o infante D. Pedro nos primeiros tempos da sua regencia, quando andava mais accesa a lucta com a rainha D. Leonor.

Chegamos finalmente ao nosso D. Henrique, assumpto especial da conferencia que me fazeis a honra de escutar.

Muitas vezes, meus senhores, meditando sobre a vida d'este homem, illustre entre todos na historia da nossa evolução, e tão notavel pela intelligencia, pelo saber, pela iniciativa arrojada e fecunda, pela perseverança tenaz e indomita, muitas vezes tenho scismado quão formosa deveria ser a lenda que em volta do seu popularissimo nome agrupasse os factos verdadeiros ou maravilhosos com que a imaginação do povo enfeita os seus validos. A meu ver, D. Henrique realiza o mais admiravel typo lendario que possa desejar-se para inspirar a musa popular. Nada lhe falta, nem sequer aquelle não sei que de mysterioso, de vago nos contornos, de penumbra meio obscura com lampejos aqui e acolá, que transformam os heroes da historia em heroes da lenda.

Encontrou uma nação balbuciante ainda como navegadora; deixou-a transformada na mais importante nação maritima do seu tempo. Cultivou sciencias que eram tidas n'aquella época, em conta de feiticerias. Eram synonymas a astrologia e astronomia. Deitou-se a descobrir problemas envoltos nos mais densos veus do mytho e da

lenda. Arcou com o que ha de mais infinito no finito, o mar; escutou aquellas melancolicas harmonias das vagas, que no seu voltear incessante, nos estão segredando reminiscencias de outros mundos, d'onde vieram e para onde vão, depois do rapido instante em que a nossos pés se desdobram em lençol de escuma. Espreitou o que diziam as correntes do oceano no seu perpetuo perpassar, e o que sussuravam os ventos ao esfusiar velozes pelas costas de Portugal. Deveria crer-se que lhes entendeu a linguagem, porque não se arreceiou da força das primeiras, nem do impeto dos segundos. A ambos dominou, e a ambos coagiu a servil-o. Como nos contos arabes, que de certo lhe haviam de embalar o berço, transformou em obedientes escravos, os genios até então reputados malfazejos, e inimigos do homem. A sua lampada maravilhosa foram porém a sciencia, filha de aturado estudo, e a perseverança, nascida de inabalavel convicção. Mais feliz do que Xerxes, avassalou o mar, e obrigou-o a ser a estrada real do commercio portuguez, o caminho por onde vieram a fazer-se as *carreiras* da India.

Privava com homens, entregues como elle, a sciencias meio occultas; com arabes, com judeus, raças que por serem aborrecidas, não eram menos temidas e respeitadas.

«Para melhor gosar da vista e curso das estrellas e orbes celestes, diz Gaspar Fructuoso (10), escolheu para sua habitação huma montanha no cabo de S. Vicente.» Ali viveu grande parte da sua vida, longe da côrte, n'um rochedo inhospito, batido pelas ondas, quasi navio, e mais do que palacio, escola.

Em sua casa devisavam-se por todos os lados instrumentos singulares, cobertos de siglas para o maior numero indecifraveis. Passava os dias a estudar manuscriptos e cartas, e as noites a contemplar o firmamento. Ao vel-o n'essas vigilias, solitario no elevado terreiro, immerso em profundo meditar, banhado n'aquella doce claridade das estrellas, quem não diria que, de envolta com os raios da luz que lhe illuminavam a fronte, desciam do ceo inspirações divinas a revelar-lhe a missão augusta a que Deus o havia destinado?

Quando deixou o seu retiro, todas as vezes que poz pé no grande tumultuar do mundo, quiz sempre a sorte que fosse para figurar em gravissimos acontecimentos: Ceuta, Tanger, os motins no começo da regencia de D. Pedro, o triste episodio que terminou na Alfarrobeira.

Elle só confiava, quando todos os mais hesitavam e duvidavam. Elle só parecia ter certeza de feliz exito, onde todos os mais viam perigos e impossibilidades. Elle só tinha vista, quando todos os mais estavam cegos (11). Elle porfiava, instava, ia por diante, sem vacillar nem temer. Tinha em pouca conta as murmurações; não se prendia com as antigas provas; nem se deixava possuir do terror que punha em boca de todos: «quem passar o cabo Nom, ou tornará ou nom»; não cançava em mandar caravellas sobre caravellas a reconhecer as costas, a sondar os baixos, a procurar as ilhas, a lobrigar a humida planicie que ao longe se desenrolava em perspectivas sem fim, como que a requestar peleja, e a desafiar curiosidade.

D'onde viria ao infante tamanha confiança, tão inquebrantavel certeza? Dos homens por certo não. Muitos reprovavam; bastantes dissuadiam; todos se arreceavam. Quem não soubesse onde o duque de Viseu ia buscar o segredo da sua força, razão teria de persuadir-se que de poderes occultos e mysteriosos, não do poder que dá o engenho e o estudo, nascia tanto arrojo e tanto desassombramento.

Todas estas circumstancias, meus senhores, e muitas outras que por brevidade omitto, eram propicias para crear á volta da figura do duque de Viseu a atmosphera irisada em que se fórma a lenda, tão naturalmente como se nos mostram fingidas imagens entre as nuvens purpurinas que matizam o ceo, ao descair do sol.

Que melhor assumpto do que esta vida para entreter as longas horas de ocio, a bordo, quando em calmaria podre, batem tristemente as vélas inuteis ao longo dos mastros, e se balança em compassado rythmo a barca immovel nas aguas espelhadas? Que melhor thema de pratica para os marinheiros portuguezes, e qual

haverá que seja mais accommodado ás variadissimas peripecias da vida maritima? Quem ao avistar o Bojador, poderia esquecer-se do homem que primeiro lhe mandou dobrar os baixos; quem ao ver terras da costa occidental d'Africa, poderia olvidar o principe a quem as devemos; qual é o portuguez, a bordo d'um navio portuguez, que não sinta acudir-lhe involuntariamente aos labios o nome do principe navegador?

E comtudo, meus senhores, o infante D. Henrique não tem uma lenda. Tem-n'a seus irmãos D. Pedro e D. Fernando; tem-n'a o grande condestavel (12); teve-a depois D. Sebastião; tiveram-n'a muitas outras figuras certamente menos poeticas do que a do illustre solitario de Sagres; elle só ficou esquecido.

O nosso Camões mal falla n'elle. Dois versos, uma allusão, a proposito das novas ilhas:

«Que o generoso Henrique descobriu» (13)

e mais nada. Julga-se assim o poeta desencarregado para com aquelle, sem o qual não teria havido nem o Gama nem a sua viagem á India, pretexto e motivo da preciosa epopéa.

Não sei qual seja a verdadeira causa do que se me affigura ingratidão, e que é certamente vergonha.

Já o nosso Garrett (14) estranhava que Portugal não tivesse maior abundancia de romances maritimos, e que o povo que tanto viveu no mar e para o mar, não o houvesse cantado n'aquellas trovas que são a verdadeira manifestação da vida nacional.

Nos mais antigos chronistas que fallaram em D. Henrique encontram-se alguns toques de maravilhoso. Azurara (15) falla de influencias celestes; Barros (16) vae mais longe, dizendo que o infante resolveu uma manhã, ao levantar-se, de mandar sem mais detença a dobrar o cabo Não, «como se n'aquella noite lhe fôra dito que sem mais dilação nem inquirição do que perguntava, mandasse descobrir.» Vem porém o sceptico do Damião de Goes (17) cortar pela raiz a piedosa crença que d'estas palavras poderia ori-

ginar-se. «E esta certeza, diz elle, que assi alcançou do trabalho de seu studo, lhe fez commetter tamanho negocio e nam por inspiriçam divina quomo algũas pessoas dizem.»

E fugiu para sempre a lenda, desaproveitando assim uma das mais poeticas figuras que pelo mundo passaram.

Não foi mais feliz com a historia severa e conscienciosa o nosso grande infante. Ainda não mereceu em Portugal as honras de uma monographia completa, que dê todo o relevo ás suas feições tão caracteristicas e accentuadas. Dois trabalhos bastante extensos têmos a respeito d'elle; dois trabalhos feitos com amor e ao mesmo tempo com severidade; dois trabalhos verdadeiramente scientificos; mas com vergonha o digo, ambos são devidos a pennas estrangeiras (18). Fallam no principe os nossos chronistas e historiadores; escreveu o seu elogio um erudito philologo do seculo passado (19), mas em todos estes livros se procura debalde um retrato verdadeiro e acabado de tão importante personalidade. Não cabe nos limites d'esta conferencia descrever-vos esta vida, ainda quando coubesse em minhas forças o fazel-o.

Sentimos mais do que sabemos o que foi o infante. Pela sua obra o podemos avaliar, do mesmo modo que sem vermos nem conhecermos o motor que dá vida a complicadas e poderosas engrenagens, concluimos pelo effeito que presenciamos, que de grande fôrça e energia deve ser a machina, d'onde nasce tão surprehendente resultado.

Em quarta feira de cinza, 4 de março de 1394, nasceu no Porto o infante D. Henrique. Refere uma piedosa crença que sobre o peito lhe negrejava um signal em fórma de cruz, presagio e prenuncio do muito que havia de fazer para levar a longes terras a fé e o amor do Christo (20). Escasseiam noticias ácerca dos seus primeiros annos. Fernam Lopes, tão miudo n'outros pontos, não satisfez n'este a nossa natural curiosidade.

Diz apenas em poucas palavras, quaes os laços que prendiam entre si os principes, n'um affecto cujo centro commum era el-rei seu pae, e o muito que este curava de lhes fortalecer os corpos, ao

passo que lhes illustrava as almas (21). Se porém nos faltam particulares authenticos da infancia e mocidade de D. Henrique, facilmente póde adivinhal-os quem se lembrar da época em que elle viveu, da indole de seus paes, e da obra a que o infante vinculou o seu nome. Não podemos demorar-nos a supprir com as nossas illações o silencio da historia. O que parece certo, é que desde a infancia, mostrou o infante grande predilecção pelos estudos mathematicos e cosmographicos. Pelos seus contemporaneos foi muito louvada e prezada a sua sciencia, e não esqueceu ao seu chronista, o velho Azurara (22), quando memora os trabalhos do infante, fallar na «grande sabedorya, queem elle avya a cerca dos movymentos dos corpos cellestriaaes.»

Na côrte de D. João I, apparecem já homens de grande valor scientifico e litterario, e posto que só nos reinados seguintes se desatasse em opulentas e fartas messes a esmerada cultura, que nos tempos d'este soberano principia a manifestar-se, é fóra de duvida que elle logrou ainda associar no regio alcaçar as armas e as lettras. Para o reconhecermos, bastaria a educação que receberam seus filhos, e de que tantas mostras deram, como já vimos, quando não viessem ainda accrescentar outros testemunhos a este já tão eloquente, os nomes de tantos varões illustres pelo engenho e pela sciencia. Acodem aos labios os de João das Regras, o astuto jurisconsulto, Martim d'Ocem, o negociador das pazes com Castella, Fernam Lopes, o pae da nossa historia, Vasco de Lobeira, auctor do «Amadis de Gaula», Vasco de Lucena, um dos primeiros sabios do seu tempo, e de tantos outros que no pulpito, no foro, nas sciencias, nas lettras e nas artes, adquiriram fama que ainda hoje vive.

Nem póde duvidar-se que na educação dos principes, interviessem tambem homens de outras raças, a quem pagámos com o desterro e com a fogueira, o muito que concorreram para a illustração e engrandecimento da nossa patria. Fallo dos judeus e dos arabes. Á primeira d'estas nações pertenciam os medicos, ou como então se dizia, os physicos mais notaveis de que nos conserva no-

ticia a historia. N'essa época, não estavam como hoje rigorosamente extremados os campos das diversas sciencias. O physico era astrologo. Medicava com os simples de que tratavam as suas pharmacopéas, e diagnosticava observando os movimentos dos astros. A estes homens recorriam os soberanos não só para se curarem das suas enfermidades physicas, mas ainda para saberem dos influxos favoraveis aos seus emprehendimentos. Os principes, não raro tambem, iam distrair-se dos cuidados da publica administração, estudando as sciencias de que tinham o monopolio estes seus confidentes. D. Pedro IV d'Aragão, contemporaneo do nosso D. Pedro, foi discipulo do celebre astrologo Rabbi Menahem (23). Na côrte de D. João I, havia alguns hebreus illustres não só pela riqueza mas ainda pelo saber. Esta raça, desde tantos seculos proscripta, buscava arreigar-se ao solo de que pretendiam expulsal-a. Queria consolidar-se por todos os modos. Não se fiava só na riqueza, e com razão, que tantas e tantas vezes foi ella a causa principal da ruina dos filhos d'Israel; outros alicerces lançava, mais solidos e duradouros, e pela superioridade intellectual, queria tornar-se indispensavel, mesmo quando era odiada. As academias judaicas na peninsula datam do seculo X (24). D'ellas saíam annualmente para os diversos reinos transpyrenaicos muitos homens profundamente instruidos, e em cujas mãos se conservou sempre acceso o debil facho que illumina as trevas da edade média. D. Moyses, judeu, era physico mór de D. João I (25), e ao que parece, exerceu verdadeira influencia no animo d'este monarcha, que no principio do seu reinado deu provas de uma tolerancia, a que os judeus atrozmente perseguidos então em toda a Hespanha, estavam bem pouco affeitos; e judeu foi tambem o celebre mestre Guedelha, physico e astrologo de D. Duarte e D. Affonso V.

Não se tornou menos importante para o renascimento da cultura intellectual no nosso paiz a acção dos arabes. Affonso o sabio foi o primeiro soberano que soube aproveitar o riquissimo deposito scientifico, accumulado durante tantos seculos nas escolas arabes d'Hespanha. Á sua benefica e illustrada influencia se deve a vul-

garisação de grande numero de escriptos que muito auxiliaram o desabrochar dos estudos no seculo xv (26).

Muitas das obras que assim poderam ser aproveitadas pelos christãos tratavam de mathematicas e de astronomia, e é certissimo que pela sua leitura se encaminharam bastantes vocações, e se despertaram não poucas.

Quando em 1415, emprehendeu D. João I a expedição de Ceuta, com o fim especial e determinado de armar cavalleiros a seus tres filhos primogenitos, é provavel que o espirito de D. Henrique estivesse já predisposto, pela convivencia com as obras d'estes sabios, a inclinar-se ao rumo que depois seguiu com tão assombroso exito. Pelo menos affirmam alguns que aproveitou o ensejo que lhe deparava a fortuna, e que dos mouros com quem se avistou colheu grande copia de informações e noticias, que arreigaram na sua mente a convicção que já havia formado, ácerca da possibilidade das navegações que meditava (27).

Outras causas o convidariam porventura a metter hombros á empresa. Cinco razões aponta Azurara (28), que levaram o infante a emprehender os seus descobrimentos; são por sua ordem: o desejo que elle tinha de saber das terras além das Canarias; o desenvolvimento do commercio; a necessidade de conhecer com exactidão o poder dos mouros; a esperança de encontrar novos alliados contra os infieis; e o augmento da fé christã. O bom do chronista accrescenta ainda uma sexta razão que segundo elle «he raiz donde todallas outras procedem, e isto he, inclinaçom das rodas celestriaes», proposição que elle prova em mui obscura linguagem, dizendo que Marte estava em Aquario, que é casa de Saturno, e casa de esperança, o que significava que o infante tinha de trabalhar em conquistas altas e fortes.

Se estas razões só, e não outras determinaram o infante, não n'o sei eu, mas tenho para mim que algumas, sem duvida, influiram muito na sua intelligencia tão clara e cultivada. Embora fossem então não só deficientes mas falsas, como logo veremos, as noções que sobre cosmographia e geographia se ensinavam nas escolas,

tinham ficado no meio d'estas trévas alguns raios luminosos que podiam indicar o verdadeiro caminho a seguir.

Se dermos credito a Damião de Goes (29), não eram desconhecidas ao infante as navegações dos antigos. Sabia da viagem, verdadeira ou falsa, que em volta d'Africa executara Hannon; tinha visto em Herodoto a tentativa ordenada por Neco aos seus marinheiros phenicios; lêra em Strabão que no mar vermelho haviam apparecido fragmentos de navios hespanhoes, e até tinha em conta de veridica a celebre derrota emprehendida á volta d'Africa por Meneláo, depois de acabado o cerco de Troya.

É provavel que estes conhecimentos lh'accendessem no animo o desejo de seguir tão nobres exemplos. Lançando os olhos em volta de si, podia crer que para o seu alto commettimento, lhe não escasseavam de todo os meios.

A marinha portugueza em tempo de D. João I começava a ser importante. Já no reinado de D. Diniz fôra contratado como almirante das nossas galés, micer Manuel Pessanha (30), e bem parece que os esforços d'este distincto genovez e dos seus successores lograram bom resultado, pois sabemos que D. João I, pouco depois d'Aljubarrota, em 1386, podia emprestar ao duque de Lancaster, seu futuro sogro, seis navios e doze galés, para o auxiliarem na sua empresa contra o rei de Castella (31). A armada na qual el-rei transportou as tropas destinadas á expedição de Ceuta tinha 33 naus, 59 galés, 120 justas e navios pequenos. Portugal começava por tanto a ser uma potencia maritima importante, e para elle olhariám certamente com ciume os genovezes e venezianos, que eram então os primeiros navegadores do mundo.

É possivel que o nosso poder naval, e o desejo de rasgar novas estradas á actividade commercial do nosso paiz, inspirasse D. Henrique a emprehender os seus descobrimentos; é possivel que a vista da formosa esquadra reunida no Tejo nos fins de julho de 1415, para d'ali demandar a Africa, fizesse lampejar na mente do infante a grandiosa idéa, a cuja realisação se applicou inteiramente logo depois da sua volta de Ceuta. Ignora-se a data exacta em que

partiram de Sagres as primeiras caravellas em demanda do Bojador. O que é certo é que o infante regressou d'Africa já inclinado a consagrar a vida á empresa que havia de immortalisar-lhe o nome.

Com este fim estabeleceu a sua morada na parte occidental de Portugal, onde alguns annos depois edificou uma villa que se denominou Villa do Infante. Assim o affirma o proprio D. Henrique n'uma carta de 19 de setembro de 1460 (32), na qual refere que o movera a este proposito o grande numero de navios que aportavam áquelle ponto para se refazerem, e a falta absoluta de recursos que ali encontravam. A Villa do Infante não estava situada no cabo mesmo de Sagres, mas como elle proprio na referida carta diz «no outro cabo que ante o dito cabo de Sagres está aos que veem do ponente para levante que se chamava Terça-Nabal, ao qual puz nome Villa do Infante.» Accrescenta que levantou esta villa com licença de el-rei D. Affonso, a quem a offerece por seu fallecimento.

É crença geralmente seguida que o infante fixou a sua residencia em Sagres ou ali perto pelas proximidades do anno de 1418, posto que a villa só fosse edificada annos depois, á sua volta de Tanger, como diz Azurara (33). Se dermos credito a Diogo Gomes, auctor de duas curiosas relações impressas em Munich pelo dr. Schmeller, que as encontrou n'um manuscripto de Valentim Fernandes de Moravia, o celebre impressor da *Vita Christi* (34), se dermos credito a este contemporaneo do infante, mandou elle emprehender a primeira viagem de descobrimento em 1415, por João de Trasto, capitão da sua armada. Este nome tem um sabor muito pouco portuguez, e é possivel que o impressor allemão, quando reduziu a escripto as noticias que lhe deu Gomes, adulterasse este nome e talvez mesmo a data.

Azurara, contemporaneo tambem do infante, e que por ordem de el-rei escreveu a sua chronica em 1448, começa a sua narrativa com a primeira expedição de Gil Eannes em 1433, callando as outras expedições mais ou menos infructuosas que, segundo elle,

o infante fazia desde doze annos a esta parte. Esta informação do velho chronista não faz subir mais alto do que 1421 a primeira expedição ordenada pelo infante.

Fosse porém como fosse, e deixando a averiguação d'estas datas para quem intentar a biographia d'este grande principe, podemos dar como assente que os primeiros trabalhos para os descobrimentos a que o infante ligou indissoluvelmente o seu nome, começaram no primeiro quartel do seculo xv e se prolongaram, sem outros descanços que lhe não dessem o estado das coisas publicas, até 1460, data do fallecimento de D. Henrique.

Elle mesmo nos diz em uma carta de 18 de setembro de 1460 (35), «que haverá 35 annos começou de povoar a Madeira e Porto Santo»; sendo certo que antes de descobertas estas ilhas, já muitos navios do infante haviam cruzado os mares, em demanda d'essas terras e costas que elle tanto anhelava conquistar para a fé de Christo, e para a corôa de Portugal.

Qual fosse a vida do infante n'este retiro de Sagres não nol-a diz com particularidade a historia, mas facilmente se adivinha pelos resultados conseguidos, o muito que lidou, estudou e luctou. Porque elle luctou, meus senhores, como luctam todos os homens de idéas novas contra os erros, os preconceitos, as duvidas, a fraqueza e o amor da rotina, que oppõem a sua poderosa força de inercia a todo o progresso na ordem moral, e a todo o caminhar na ordem material.

Não julgueis pois, meus senhores, que fosse acolhida com enthusiasmo, como hoje se diria, a arrojada tentativa do infante de dar novos mundos ao pequeno paiz que lhe fôra berço e que tão ufano lhe é hoje tumulo. Longe, bem longe de enthusiasmo, provocou o audacioso projecto que se aninhava em Sagres a mais vehemente e manifesta opposição. Ouçamos o velho chronista do principe navegador.

«...era grande duvida qual seria o primeiro que quizesse poer sua vida em semelhante ventuira. Como passaremos, diziam elles, os termos que pozerom nossos padres, ou que proveito póde

trazer ao Iffante a perdiçom de nossas almas, juntamente com os corpos... Por ventura nom forom em Spanha, outros principes, nem senhores, tam cubiçosos desta sabedorya como o Iffante nosso sñr? Por certo nom he de presomyr, que antre tantos e tam nobres e que tam grandes e altos feitos fezerom por honra de sua memorya, nom fora alguũ que se dello nom atremetera. Mas seendo manifestos do perigoo e fora da esperança da honra nem proveito, cessarom de o fazer. Isto he claro, diziam os mareantes, que despois deste cabo nom ha hi gente nem povoraçom alguma; a terra nom he menos areosa que os desertos da Lybia onde nom ha augua, nem arvor, nem herva verde, e o mar he tam baixo que a hũa legoa de terra nom ha de fundo mais que hũa braça. As correntes som tamanhas que navyo que lá passe, jamais nunca poderá tornar...»

Isto diz Azurara (36), e isto repete em seu estylo já mais culto e castigado, mas já menos ingenuo e espontaneo, o nosso Barros (37). Não levou o infante de vencida tantos temores e tantas duvidas. Consumiu annos em preparar-se para dar o ataque final, em que o seu capitão Gil Eannes, com o dobrar do cabo Bojador, convenceu os mais irresolutos, fortaleceu os mais tibios. Estes annos gastou-os em adquirir para si proprio sciencia, para os outros experiencia, e familiaridade com o formidavel inimigo, tão temido como ignorado. Chamou de fóra os mais illustres cosmographos, de dentro os mais peritos mareantes. Encerrado noite e dia no seu observatorio estudou astronomia; leu quantas viagens e quantos livros de geographia a propria industria ou a dedicação dos amigos lhe pôde levar ás mãos (38); intentou no aperfeiçoamento dos rudes instrumentos, e das imperfeitas cartas então em uso; enviou periodicamente pequenas expedições a reconhecer as costas d'Africa, e a estudar o oceano, as leis que o regem e os caprichos a que é sugeito. «Todos seus dyas, diz Azurara (39), passou em grandissimo trabalho, ca per certo antre todallas naçoões dos homeẽs, nom se pode fallar dalguũ que mais grandemente senhoreasse sy mesmo. Dovidoso serya de contar quantos pares de nou-

tes, seus olhos nom conhecerom sono, e o corpo assy austinado que casi parecya que reformava outra natureza. Tanta era a continuaçom de seu trabalho e per aspera maneira... que as gentes do nosso regno trazyam em vocabullo que os grandes trabalhos deste principe quebrantavam as altezas dos montes. Que direy senom que as couzas que aos homeẽs parecyam empossivees, a sua continuada força as fazia parecer ligeiras.»

Não póde porém aquilatar o serviço que D. Henrique prestou á civilisação, quem se não lembrar do estado em que no fim do seculo xiv, estavam as sciencias e os instrumentos de investigação. Para que possamos condignamente avaliar o que foi aquelle grande obreiro do progresso, é mister que os nossos olhos se affaçam á luz quasi crepuscular que allumiava as intelligencias dos seus contemporaneos, no tocante ás sciencias geographicas; é mister que por um pouco nos esqueçamos do que sabemos, nós os homens do seculo xix; que nos esqueçamos das viagens de circumnavegação de Cook, de Dumont d'Urville, de Mungo Park; é mister que nos não lembremos que o polo norte foi explorado por Franklin, e por tantos outros que lhe tem seguido as afoutas pégadas; que o polo sul já revelou os seus mysterios aos intrepidos companheiros de sir James Ross; que os desertos centraes da Africa estão proximos a converter-se em novos e fecundissimos mananciaes de riquesa; que os mattos virgens da America do sul, foram percorridos, estudados e descriptos pelos audaciosos martyres da sciencia, para quem não ha estorvos que lhes embarguem os passos; que as solidões da Australia já foram atravessadas; que as mais remotas montanhas das grandes cordilheiras da Asia estão visitadas; que as ilhas perdidas no Pacifico encontraram os seus Colombos; que não ha desvio por mais escuso que seja que não fosse percorrido; que não ha recanto do globo que não tenha sido descripto; que Humboldt subiu ao Chimborazo, e que a sonda da *Challenger* desceu até aos mais vertiginosos abysmos do mar; que nos é conhecida a elegante saxifraga, e os delicados lichens que mal vegetam entre os gelos do polo: e que podemos estudar

aquella pasmosa manifestação da vida mono-cellular que se chama o Batybius, o qual nasce, vive e se reproduz nas incommensuraveis profundezas do oceano, debaixo de pressões espantosas que até ha pouco se reputavam ermas de organismos; que temos á mão o telescopio para sondar o infinito, o microscopio para prescrutar o invisivel, o spectroscopio para decompor o imponderavel.

O homem d'hoje, meus senhores, precisa esquecer tudo isto, se quizer ser justo para com o infante D. Henrique, se quizer attribuir-lhe com justiça o logar que por direito lhe pertence, no pantheon que encerra todas as glorias da humanidade; se quizer inscrever este nome, graval-o com lettras d'oiro n'essa lamina de perduravel bronze onde brilham com esplendido fulgor, os nomes dos varões illustres que são os primeiros entre os primeiros.

Não fôra justo quem assim não procedera. Apreciar o giganteo esforço de D. Henrique á luz esplendidissima da nossa actual civilisação, é querer avaliar a intensidade dos raios d'uma estrella ao meio dia d'uma formosa manhã de julho, quando n'um ceo sem nuvens nos deslumbra de claridade o sol; é tomar como craveira da infancia a mesma com que mediriamos o adulto chegado ao seu completo desenvolvimento; é comparar o mimoso e innocente balbuciar da creança que depois foi Demosthenes, com a palavra fremente e apaixonada do grande orador atheniense, quando na ágora da sua patria, se lhe despenhavam em tumultuosas catadupas os accentos da mais sublime eloquencia.

Desculpem-me pois, meus senhores, se por alguns instantes desvio a vossa attenção do assumpto principal em que devo fallar-vos, para em breves palavras vos pintar um resumidissimo quadro dos conhecimentos geographicos da edade média, e vos descrever o estado em que se elles encontravam quando na scena do mundo apparece o grande pensador de Sagres.

Desde os mais remotos tempos tratou o homem do estudo physico do planeta em que estanceia. As mais antigas tradições conservam-nos vestigios de estudos geographicos, meio apagados pelo tempo, e pelas fabulas. Como n'um jardim outr'ora cultivado

com singular disvelo, porém desde muito despresado, crescem os abrolhos afogando as rosas, rebenta vigoroso o escalracho, se enleia por toda a parte a hera verdejante, e mal apparecem as mimosas plantas que em outro tempo dominavam absolutas n'este viçoso imperio, e que hoje só a custo, a muito custo, se revelam a quem percorrer o desolado recinto, atraiçoando-se aqui pela fragrancia que mysteriosamente se eleva de debaixo um montão d'espinhos, acolá por uma corolla matizada que timidamente desponta d'entre as urzes resequidas; assim no vastissimo campo da historia ha recantos escusos que nos deixam adivinhar por baixo da ruim vegetação que hoje lhes recobre o solo, as hastes quasi sumidas que outr'ora deram flores e fructos.

O que sabemos da geographia das mais alongadas épocas da humanidade é incompleto e indistincto. São vagas as noticias que nos chegaram: e nem sequer acertamos muitas vezes com a nomenclatura então usada, nem a podemos applicar, com certeza de nos não enganarmos na designação verdadeira dos logares. Assim é que tem sido disputada a questão de saber onde ficava a Atlandida, essa ilha mysteriosa que Platão nos descreve tão minuciosamente no seu *Critias*, e que desappareceu uma noite sem nem sequer deixar vestigios.

A Atlantida, foi como todos sabem, thema dos mais singulares devaneios durante a antiguidade e a edade média. Homero, Hesiodo, Euripides entre os poetas, Strabão, Plinio e outros entre os sabios não se cançam de nos descrever os esplendores d'aquella antiga terra em que florescia uma civilisação que, ao inverso de muitas civilisações antigas e modernas, era sobretudo excellente pelas virtudes que n'ella se desenvolviam. Esta grande ilha ou continente, que ao illustre chanceller Bacon serviu para quadro do seu tratado de politica ideal (40), e fôra assumpto de muitos estudos para os sabios da edade média, não deixou em época mais adiantada de prender a attenção. No fim do seculo XVII o sueco Rudbeckio (41) consagrava 3 vol. in fol. para provar que a Atlantida se deve entender da Suecia; Eurimio quer que ella fosse situada no

Oriente; Baer na Palestina, e D'Anville (42) nega absolutamente que ella existisse. Um sabio francez nosso contemporaneo, excedendo talvez em imaginação e arrojo a todos quantos deixo indicados, consagra extenso capitulo d'uma eruditissima obra (43) a demonstrar que a Atlantida dos antigos era uma pequena ilha, hoje submergida, que existia no golpho de Taman entre os mares Negro e d'Azof. Se é certa a inducção arrojada do illustre Moreau de Jonnès, é de receiar que as sombras venerandas dos velhos atlantidas sejam agora perturbadas no longo descanso de que estão gosando debaixo das aguas, com o estampido dos torpedos, o troar dos krupps, e os roucos gritos d'agonia d'aquelles que ali vão digladiar-se. Pobres atlantidas! Serem cantados por Platão, prenderem a attenção do mundo tantos seculos, servirem d'assumpto a tão eruditas dissertações, e nem sequer poderem dormir em paz seu longo e derradeiro somno.

Mas reatemos o fio da nossa exposição, e esbocemos rapidamente o que era a sciencia geographica no tempo de D. Henrique (44).

Desde o seculo v até ao xv tinham pouquissimo progredido, se é que não retrogradado, os conhecimentos geographicos. Podemos estudal-os nos livros que nos restam d'aquellas épocas, e nas cartas cosmographicas que são a expressão verdadeira da sciencia da cartographia na edade média.

Predominava a theoria geocentrica: a terra é o centro do universo; para a illuminar de dia nasce o sol no horizonte; para lhe mitigar as trevas nocturnas, resplandecem no firmamento milhares d'estrellas. Como a terra é o centro do universo, assim o homem é o centro da creação. Tudo foi creado para elle; tudo lhe pertence, tudo lhe está subordinado (45). O que foram estas theorias, e a influencia que ellas tiveram na marcha da humanidade, não é aqui lugar para o desenvolver. Levar-me-hia muito longe, afastando-me do meu assumpto principal, a apreciação d'estas doutrinas, que por tantos seculos dominaram absolutas, e que ainda hoje não estão inteiramente abandonadas.

No que respeita propriamente a cosmographia, vigoravam ainda as theorias de Homero ácerca da fórma do globo. A parte habitada da terra era rodeada pelo mar, e além, muito além, existia o paraizo terreal, que a sciencia christã havia substituido aos campos elysios dos velhos poetas pagãos.

Macrobio, Orosio e Lactancio, que viveram nos seculos v e vi ignoram que a Africa se prolonga para além de 10° de latitude norte. Começa ali um oceano insondavel, cheio de trevas e de mysterios, que banha todo o sul d'aquelle vasto continente. É o desabrochar da lenda do «mar tenebroso» que a vivissima imaginação dos arabes tanto havia de opulentar, como logo veremos. Prisciano no seu poema geographico segue as mesmas idéas: o mundo é dividido por dois rios: o Tanais e o Nilo. A Ethiopia é o termo sul da Africa; Atlas em pé sobre o seu rochedo sustenta aos hombros todo o peso dos ceos.

No seculo seguinte S. Izidoro de Sevilha, o sabio quasi universal, o Pico de Mirandola ou o Humboldt do seu tempo, é muito ignorante em geographia. Ao sul da Ethiopia só ha solidões inacessiveis; mais longe espraia-se um vastissimo oceano que as vistas do homem nunca poderam e nunca poderão contemplar.

No viii seculo o veneravel Beda, que fôra discipulo da illustre universidade de Armagh na Irlanda, onde tambem se formaram o rei Alfredo e o celebre Alcuino, o amigo de Carlos Magno e reitor da sua escola, Beda tinha para si que a zona torrida era inhabitavel por causa do calor. A terra, dizia elle, é como um elemento no meio do mundo; está no centro d'este como uma gemma no centro do ovo; em volta está a agua que a envolve, como a clara envolve a gemma; o ar cinge a agua em redor como a membrana cinge a clara; e finalmente como a casca recobre este todo, assim o fogo se recurva em volta do mundo.

Para o anonymo de Ravenna, escriptor do seculo ix, é quasi peccado querer devassar os segredos do mundo. A terra termina pelo occidente no estreito gaditano; no oriente é-nos defezo penetrar pois existe ali o paraizo innaccessivel aos mortaes.

As idéas geocentricas com todo o seu cortejo de doutrinas derivadas, vão-se desenhando e accentuando cada vez mais. Rabano-Mauro que é auctor d'uma encyclopedia em 22 volumes, nos quaes condensa todos os conhecimentos humanos do seculo IX, descreve-nos o paraizo como situado na parte mais occidental da terra, rodeado de muros de fogo, de que não póde aproximar-se o homem. Dos vergeis paradisiacos nascem os quatro rios que fertilisam a terra; Jerusalem é o centro da terra, e esta, que é circular, está situada no meio do universo; envolve-a por todos os lados o oceano; a Africa termina além do tropico, onde começa o mar das trevas. De envolta com estas noções tão erroneas, encontram-se numerosas fabulas e lendas. No Caucaso ha montes de puro ouro, guardados por terriveis dragões; vivem as amazonas ao sul do Tauro; as górgonas, cujo corpo é todo coberto de hirsutos cabellos, habitam junto do promontorio Esperaceris; Atlas ainda sustenta sobre os hombros o enorme peso dos ceos; a Scythia é a patria de Gog e de Magog, de que já nos falla Isaias, mas as suas riquezas metallicas e as suas pedras preciosas estão defendidas da cubiça humana pelos griphos que lhe guardam os aditos. Tal era, meus senhores, o ensino geographico ministrado aos seus discipulos por um dos mais celebres monges da grande abbadia de Fulda, pelo fundador da primeira escola publica aberta na Allemanha.

Vão passando os seculos, mas não progride a sciencia da geographia. Alfrico, astronomo do seculo X, cujo tratado manuscripto foi estudado no museu britannico pelo nosso illustre compatriota o visconde de Santarem, sustentava que as partes centraes da terra eram inhabitaveis por causa do intensissimo calor que ali havia sempre. Quão longe estava da verdade, podem dizel-o as modernas viagens ao centro d'Africa, descrevendo os planaltos d'aquellas feracissimas regiões como um dos pontos mais sadios do mundo todo. No seculo XI encontramos os mesmos erros dos seculos anteriores. O celebre Honorato d'Autun, na sua *Imago mundi*, obra que foi para aquella época o que o Kosmos de Humboldt foi para a nossa, repete as mesmas fabulas, as mesmas lendas; lá

falla na Atlantida, no paraizo ao oriente da terra, nas ilhas mysteriosas, no grande oceano tenebroso. A *Sphera mundi* de Sacro Bosco, escripta no seculo XIII, nada adianta; e a grande encyclopedia d'este periodo composta por Vicente de Bauvais e intitulada *Speculum naturale*, não revela progresso algum.

Alberto Magno, aquelle grande lumiar da religião dominicana, e perante cujo vastissimo talento todos se curvam reverentes, mostra-se muito ignorante no que respeita a fórma e a descripção da terra. A Africa é limitada por um mar vastissimo além do qual existe outro continente habitado, mar ao qual nós os homens do hemispherio norte, não podemos chegar, não só por causa das densas trevas que o recobrem, mas tambem em virtude de um poder occulto, de um iman que attrahe os navios e os não deixa passar adiante. A idéa d'este poder magnetico não é nova. Encontra-se em Edrisi, geographo arabe do seculo XI, o qual a podia ter copiado de Ptolomeu que n'ella falla muito expressamente (46).

Não é mais versado na sciencia geographica o mestre de Dante, aquelle Brunetto Latino, cujo nome se não merecesse viver para sempre na memoria dos homens, pelo livro que elle tão apropriadamente intitulou o seu *Thesouro*, ficaria estampado indelevelmente no immortal monumento que se chama a Divina Comedia:

«...in la mente m'é fitta ed or m'accora
«La cara e buona imagine paterna
«Di voi, quando nel mondo, ad ora ad ora,
«M'insegnevate come l'uom s'eterna.»

E aprendeu bem o discipulo; soube eternisar-se, e comsigo o mestre que lhe fôra pae. Em quanto no mundo houver quem leia, será lida, e meditada e admirada a esplendida trilogia em que Dante ora amaldiçoa em accentos de ira, ora exalta em cantos sublimes, ora descreve os tormentos escruciantes do inferno, ora nos pinta com pincel divino os ineffaveis gosos da celeste bemaventurança.

Dante foi grandissimo poeta, observador sagaz, philosopho profundo; mas foi pessimo geographo. Todo o seu poema é fundado n'um erro cosmographico: a collocação de Jerusalem no centro da terra. Para elle o mar enche um hemispherio inteiro, e além das columnas de Hercules não ha terras accessiveis. Verdade é que no Purgatorio pareceu referir-se ao cruzeiro do sul, fallando em quatro estrellas

«Non viste mai fuor ch'alla prima gente;»

mas se estas são com effeito a brilhante constellação do hemispherio austral, encarrega-se o poeta, elle mesmo, de attenuar a admiração que nos poderia causar a sua sciencia, declarando que depois de Adão foi elle o primeiro que viu a cruz celeste.

Teem discutido muito os commentadores como chegou ao poeta a noticia d'essa constellação. O nosso visconde de Santarem crê que no estudo dos geographos arabes, encontrou o grande poeta ghibellino os dados que tão habilmente aproveitou na parte cosmographica da sua epopéa, e cita mesmo um globo celeste arabe do primeiro quartel do seculo XIII em que se via claramente indicado o cruzeiro do sul, observado talvez no cabo Comorim situado em 7° 56′ de latitude norte, ou na costa de Sofala (47).

Este seculo viu a viagem de Marco Polo, o celebre veneziano, precursor do nosso Fernão Mendes Pinto, heroe como elle das mais estupendas aventuras, e victima, como elle, da incredulidade dos seus contemporaneos. Conta-se até que, estando Marco Polo proximo da morte, lhe pediu a familia que se desdissesse, para salvar a sua alma, das fabulas e mentiras com que havia esmaltado a sua narração. Fosse porém como fosse, é certo que apparecem pouquissimos manuscriptos d'esta celebre viagem, a tal ponto que foi considerado mimo da maxima valia o exemplar que ao nosso infante D. Pedro, o das quatro partidas do mundo, offereceu a republica de Veneza, quando o duque de Coimbra ali passou na sua longa peregrinação de 12 annos. A relação de Marco Polo po-

deria ter dissipado alguns erros e aclarado bastantes duvidas, mas foi sempre suspeita, e não exerceu na sciencia sua contemporanea a influencia que merecia.

Aproximam-se os tempos do infante D. Henrique e a verdade conserva-se occulta aos olhos dos geographos. O mais habil de quantos viveram no seculo XIV, Marino Sanuto, repete as fabulas dos seus antecessores. O sul d'Africa é inabitavel e inabitado; pelo poente termina este continente no 30° grau de latitude norte; Jerusalem não é despojada do privilegio de ser o centro da terra; as ilhas afortunadas, que alguns sabios modernos teem querido identificar com as Canarias, talvez para despojar Portugal de um dos seus descobrimentos, estão situadas no mappa de Sanuto ao poente da Irlanda.

Chega finalmente o seculo XV, e 30 annos antes de Gil Eannes dobrar o cabo Bojador, ainda o celebre cardeal Pedro d'Ailly ou d'Alliaco mostra tal ignorancia ácerca das dimensões e da fórma do continente africano, que suppõe ser objecto de poucos dias ir por terra da Hespanha ás Indias. Dati, que escreveu já na aurora dos nossos grandes descobrimentos, em 1422, segue ainda as idéas de Homero ácerca dos circulos concentricos de terra, agua, ar e fogo, que constituem o nosso planeta, e ignora quasi completamente a costa occidental d'Africa.

Tal era, meus senhores, em brevissimo e imperfeitissimo esboço, o estado dos conhecimentos dos escriptores christãos até á época do nosso grande infante D. Henrique. Não lhes levavam a palma os cosmographos judeus e arabes (48). O celebre Edrisi no seculo XII sustentava a existencia do mar tenebroso envolvendo toda a costa sul d'Africa, a qual começava logo além das Canarias. Ibn-Said, seu contemporaneo, diz que nas ilhas Khalidat ha umas columnas levantadas por Alexandre, sobre as quaes está gravada a inscripção «Não se passa além.» É uma variante das famosas columnas de Hercules. De que valeu este prudente aviso para cortar os vôos ao genio emprehendedor dos povos da peninsula, disse-o eloquentemente a Hespanha, arrancando do seu pedestal secular

estas vetustas columnas para as incorporar no glorioso escudo de Castella, com a antiga legenda, á qual bastou tirar uma palavra para a transmutar de gemido doloroso de fraqueza em pregão festival de victoria. Ibn-Kheldoun, que escrevia já no fim do seculo xiv, confessa que os navios se não arriscavam a navegar no mar tenebroso, e que não sabiam orientar-se quando perdiam de vista a terra, «quando não iam com a terra á mão», na phrase do nosso Barros.

Mas não era sómente a ignorancia das verdadeiras noções de geographia que desajudava a gloriosa empreza a que mettera hombros o infante. Outros, bem outros phantasmas, povoavam a imaginação dos homens do seculo xv e os arredavam pelo terror e pela superstição de emprehender o que se lhes affigurava trabalho superior á industria humana. Já por vezes, n'esta conferencia, alludi ao mar tenebroso, mas não me deixou o fio do discurso referir-vos as medonhas fabulas com que a phantasia dos escriptores povoava aquellas negras ondas.

O geographo Edrisi (49) pinta-nos com vivissimas côres os perigos de toda a sorte que esperavam o audacioso nauta que se arriscasse a cortar as aguas d'esse oceano desconhecido. As trevas cobrem a superficie das aguas; desapparecem o sol e as estrellas; foge de todo a luz; por toda a parte a noite e a noite mais medonha que o espirito possa conceber. As ondas elevam-se a vertiginosas alturas; embatem-se com furia umas nas outras; não ha resistir-lhes; fôra empresa vã teimar em vencel-as; quem o tentar pereceu. Os silvos do vento atordoam os ouvidos e ajuntam os seus estridentes uivos aos roucos sons das vagas. Levantam-se a miudo d'entre estas sombrias aguas jactos de fogo com mais de cem covados de altura. A luz avermelhada que lançam não illumina, mas deslumbra e cega o navegante e precipita a sua ruina.

Não são tão sómente os elementos desencadeados que em procella não interrompida refusam aos homens a entrada n'esse mysterioso oceano. Os animaes que n'elle habitam amedrontam e afugentam os mais destemidos. Revestem os peixes fórmas monstruo-

sas e gigantes. Dos profundos abysmos saem a tolher o passo ao marinheiro horrendas serpentes, dragões hediondos, pavorosos apparecimentos que aos mais intrepidos congelam o sangue nas veias.

Para outros, como por exemplo Albufeda, o mar é ermo de habitantes, mas as suas aguas tornam-se espessas debaixo da acção do sol, que faz evaporar os atomos subtis de que ellas se compõem, e a tal ponto que as não podem cortar as prôas dos navios.

Ibn-Said conta que uns arabes, impellidos pela tempestade, foram atirados a uma costa onde se elevava uma formosa montanha que resplandecia de estranho fulgor. Chegados á terra, e quando se apromptavam a desembarcar, acudiram uns berberes de Kodala a gritar que tal não fizessem, porque a base da montanha era toda formada de serpentes entrelaçadas, que certamente os devorariam se d'ellas se aproximassem.

Boccacio, o espirituoso auctor dos bem conhecidos contos, diz-nos com uma gravidade não fingida, e com uma boa fé na verdade curiosa em espirito tão sceptico, que o Atlas é povoado de serpentes, e que em suas cercanias habitam homens com pés de cabra, e satyros.

Com verdade podia dizer o commerciante veneziano Pietro Quirini (50), fallando dos mares além do estreito, junto do qual fôra acossado por fortissimo temporal, que elles são: « luoghi incogniti e spaventosi a tutti i marinari. »

Mas a par d'estes devaneios, que mais parecem pezadellos de homem devorado de intensa febre do que phantasia de espirito são, por mais imaginoso que o concebamos, encontram-se nas obras dos antigos cosmographos lendas graciosas, e de uma poesia que não requeima o cerebro, como estas de que vos dei ligeirissima amostra.

É doutrina muito antiga (51) na historia das religiões, de que as almas não podiam entrar para a bemaventurança sem atravessarem um rio ou um mar, que marcava o limite entre este mundo e o do descanço. O elysio de Homero é situado além do oceano, no sitio onde o sol vae todas as noites descançar da faina do dia (52);

Hesiodo e Pindaro transformam em ilhas este logar tão cubiçado, e em vez de o supporem existente além do oceano, crêem que é rodeado de agua por todos os lados. Esta transformação do mytho original explica-se facilmente. Completava até certo ponto a noção primitiva, tornando de mais difficil accesso a terra cobiçada. Foi d'esta alteração da primitiva crença que nasceu a idéa das ilhas afortunadas, sobre a qual tanto teem disputado os sabios de todos os paizes. Não posso nem de longe indicar agora as variadissimas hypotheses que se imaginaram para fazer concordar a geographia dos differentes auctores, e para explicar com alguma verosimilhança as passagens de seus escriptos que se referem a essas ilhas. Successivamente impellidas do nascente para o poente, vieram finalmente a parar nas Canarias, que longo tempo conservaram esta denominação.

Cançou-se a fertil e graciosa imaginação dos gregos a descrever-nos essas abençoadas estancias, e não lhe ficaram atraz os romanos. Pomponio Mela diz que ali todas as produções são espontaneas; que d'entre as rochas brota uma fonte cuja agua tem a singular faculdade de provocar uma hilaridade continua, que só póde terminar quando se beba d'outra fonte que junto corre.

Não sei se o velho geographo romano acreditava na verdade dos informadores que lhe haviam referido tão estranho caso, mas tenho para mim que ficaria certamente muito perplexo se um vidente lhe contasse que muitos seculos depois d'elle, tempo viria em que os homens descobririam não já uma agua, mas um gaz com as mesmas propriedades, o gaz hilariante, ou para lhe chamar pelo seu nome chimico, o protoxydo d'azote.

A crença nas ilhas mysteriosas produziu um sem numero de ficções, gentis umas como o sonho de uma noite de estio, phantasticas outras como as visões que povoam o cerebro de um fumador de hatchis. O nosso conhecido Edrisi (53) conta com a seriedade que requer o caso, que no oceano existem duas ilhas na verdade preciosas. Uma é só habitada por mulheres, outra só por homens. Uma vez por anno, na primavera, quando as flores esmal-

tavam os campos, e os passaros em seus gorgeios recordavam que era chegada a estação dos amores, iam os homens em devota romagem á ilha das mulheres, e ali passavam um mez, só um mez, para voltarem logo depois ao isolamento dos onze mezes, com que pagavam a felicidade, que bem curta lhes devia parecer, d'aquelles dias tão velozmente decorridos.

Não nos refere o sabio arabe particulares do governo d'essas ilhas, mas faço ás mulheres a justiça de acreditar que seria modelo de publica administração e governança a ilha em que imperavam sós, sem ingerencia do sexo egoista que para si quer no resto do mundo o exclusivo privilegio de pilotar o baixel, ás vezes bem alquebrado, que por uma metaphora pomposa se convencionou chamar-lhe a nau do estado.

A crença na existencia d'estas ilhas estava tão enraizada em todas as mentes, até nas dos homens superiores, que Christovão Colombo, na sua primeira viagem, julgou haver passado junto da ilha das mulheres, e lastimou-se no seu diario de não haver podido colher ás mãos alguma d'estas insulares para as levar árainha Izabel (54).

Um auctor arabe do seculo xv, cujo manuscripto foi examinado pelo visconde de Santarem, diz que no oceano Atlantico existe a ilha de Salomão, onde em sumptuoso jazigo descançam os restos mortaes d'este sapientissimo rei. Elevam-se ali tres estatuas: a primeira é amarella e acena aos navios que se afastem; a segunda é verde e o seu gesto parece interrogar; a terceira é negra e tem o braço estendido na acção de advertir.

É conhecida a historia dos Maghurinos, ácerca da qual existe uma erudita dissertação do fallecido secretario geral d'esta Academia, o sr. conselheiro Macedo (55). Dois geographos arabes Edrisi e Ibn-al Nardi contam as aventuras d'estes oito mancebos, que atrevendo-se a entrar no mar mysterioso, se encontraram navegando sobre aguas muito espessas e que exhalavam um cheiro fetido. A luz do sol ia sempre afrouxando mais e mais, e só a custo podiam evitar os numerosos recifes que por todos os lados lhes embargavam

o caminho. Aportaram finalmente a uma ilha onde foram aprisionados por homens altos, de cabello corredio e arruivado, ali ficaram mettidos em estreita prisão, e ainda que bem tratados, não lhes consentiram que examinassem coisa alguma. Quando soprou o vento oeste foram trazidos com os olhos vendados para bordo de um barco que os levou á terra dos berberes.

Na ilha de Saáli os homens teem o aspecto de mulheres, diz um velho geographo arabe, e accrescenta, mostrando-se assim pouco amavel para o sexo bello, que estes homens teem os dentes saidos da boca, os olhos chammeantes, e as pernas formadas como se fossem de madeira requeimada.

Na ilha Harran descem as barbas dos homens até aos joelhos; as faces d'estes vellosos são largas e as orelhas immensas; comem vegetaes crus como se fossem herbivoros.

Na ilha de Mostachiin havia um monstro que devorava quantos homens e animaes colhia. Venceu-o Alexandre, offerecendo-lhe como isco uma pelle de toiro que havia mandado encher com enxofre, cal, azeite e arsenico. Durante as convulsões que no pobre dragão produziu tão estranho manjar, ordenou o rei que apressassem a morte do monstro, atirando-lhe para dentro da boca uma barra de ferro em braza.

N'esta mesma ilha vivia um curioso animal do tamanho de uma lebre, mas com o pello brilhante como o oiro, que afugentava, só com a vista, as bestas mais feras.

Não é difficil encontrar em algumas d'estas lendas pagans as origens de lendas perfilhadas pelo christianismo. Assim o dragão morto por Alexandre, é um dos muitos dragões do cyclo lendario pagão que serviu de prototypo ao dragão de S. Jorge. Nas épocas incultas e rudes usavam os missionarios attrair á fé christã os povos barbaros que se propunham evangelisar, transformando e accommodando ao christianismo as lendas e fabulas a que os encontravam affeitos. Não podendo discutir com estas intelligencias infantis, receando afastal-as, se elles não condescendessem até certo ponto com alguns dos preconceitos que iam combater, seguiam o

conselho de S. Gregorio o magno, e toleravam a conservação de antigos mythos e de antigas festas, mudando-lhes apenas os nomes, e, tanto quanto podiam, as praticas (56) que tivessem resaibo de paganismo.

Entre as lendas christans que durante toda a edade média não só corriam entre o vulgo, mas gosavam dos foros de cidade nas obras dos eruditos, não poucas encontramos que se referem ao mar tenebroso e ás ilhas mysteriosas. A mais poetica é a da ilha de S. Brandão, da qual com mais ou menos variantes se deparam vestigios em chronicas de differentes paizes. S. Brandão era um santo monge irlandez do seculo VI, que impellido por uma sede inextinguivel de converter almas a Deus, emprehendeu largas peregrinações pelo azul dos vastos mares, á busca das ovelhas desgarradas do redil do Senhor. Na chronica de Viterbo, S. Brandão chega em uma das suas viagens a uma montanha d'oiro fino, encimada por uma cidade construida do mesmo precioso metal, onde o intrepido missionario vê com pasmo e jubilo Enoch e Elias rendendo culto a Deus, n'uma egreja egualmente d'oiro. Permanece ali tres dias, mas quando volta á patria, desconhece a tudo e a todos; encontra-se em terra que lhe é de todo o ponto estranha, e rodeado de uma geração inteiramente diversa da que deixara ao partir. Era que na ilha encantada havia passado tres seculos e não tres dias, como lh'o figurara o fervor da sua alma, e a completa absorção de todo o seu ser no seio da divindade (57).

A versão irlandeza é um pouco diversa. O santo visita o paraizo dos passaros, onde habitaram os anjos que sem terem acompanhado Lucifer, não se ajuntaram comtudo ás milicias celestes que foram combater o grande revoltoso.

Este paraizo dos passaros é porventura reminiscencia d'alguma ilha povoada dos maviosos habitantes do ar, das Canarias talvez, reminiscencia meio apagada pela mão do tempo, mas atravessando em sua graciosa e elegante fórma, seculos de barbarie e periodos de trévas, como a debil claridade do farol vigilante bruxuleia ao longe em noite escura, e nos está indicando a terra d'onde

partimos a cortar as ondas. Outra variante citada pelo sr. conselheiro Macedo, é mais energica, e porventura mais affeiçoada á indole inculta e rude dos marinheiros d'essas remotas eras. A ilha é sempre amenissima e deliciosa, mas são innumeraveis os perigos a que se arrisca o viajante que lá quizer aproar. S. Brandão, sabendo que outro monge chamado Mernoc vivia n'este logar de delicias, resolve procural-o. Anda sete annos no mar onde descobre muitos segredos, e afinal logra chegar ao termo da sua peregrinação (58).

Taes são, meus senhores, algumas das lendas mais interessantes que respigámos nas chronicas da edade média, e nos livros dos velhos geographos. Taes eram os sonhos que embalavam a humanidade, durante os seculos em que ella dormiu para a acção, não para o scismar e cogitar, o longo somno que se chama edade média; taes eram os receios, os cuidados, e porventura tambem as secretas esperanças que ora afastavam, ora chamavam os mareantes portuguezes que D. Henrique se não cançava de enviar ao cabo Não, ultimo limite conhecido da costa occidental d'Africa, nos annos em que o mestre de Christo preludiava por assim dizer, e como que ensaiava os instrumentos que em suas robustas mãos, e insufflados pelo seu ardente sopro, haviam de encher o mundo de pasmo e Portugal de gloria.

Mas a par d'esta disposição moral e intellectual das almas, não esqueçamos tambem de notar a insufficiencia dos meios de acção de que então dispunha o marinheiro. Quando attentamos no aperfeiçoamento actual das sciencias physicas e mathematicas, quando reparamos que temos tantos e tão poderosos meios de observação, tão delicados, tão exactos: a bussola, hoje corrigida dos desvios a que a expunha a proximidade do ferro, pela investigação scientifica e inspiração talentosa de um nosso compatriota; o chronometro mais verdadeiro do que o sol; o sextante; as lentes de purissimo crystal; a barquinha patente em que já não influem os descaímentos das correntes; as cartas nauticas tão minuciosas e correctas, onde se encontram designados todos os contornos recor-

tados da terra, todos os escolhos, todos os baixos, todos os recifes, perdidos nas solidões dos oceanos; que temos ao longo das costas ainda mais inhospitas uma cinta de faroes amigos, olhos luminosos sempre vigilantes na terra para sondar a amplidão do mar; que temos balisas, que marcam a entrada dos portos e dos estuarios; que dispomos de poderosos navios, construidos com todas as regras da mechanica, de materiaes solidissimos como o ferro, armados da invencivel força que se chama o vapor, força para a qual não ha calmarias nem correntes; que em uma palavra, todas as sciencias se conspiraram para facilitar ao homem a conquista definitiva do seu planeta, e a dominação d'aquelle elemento caprichoso, ora verde como a esperança, ora azul como um firmamento de paz; ora irrequieto, tempestuoso e medonho, como se ameaçasse varrer com as suas ingentes vagas a fraca terra que pretende avassal-o, ora manso e submisso como escravo que se resigna, o mar em fim; quando attentamos em tamanho progresso, em tão abençoados fructos do trabalho, em tão incontestada superioridade do homem sobre a natureza, curvamo-nos reverentes diante d'esta força occulta e mysteriosa que se chama a intelligencia, e que para uns é scentelha divina, para outros evolução necessaria e fatal de uma lei insondavel.

No tempo de D. Henrique as sciencias physicas, ainda no berço, estavam longe de adivinharem sequer os altos destinos para que eram reservadas.

Já vimos o que eram as cartas. Representavam fielmente o estado dos conhecimentos geographicos da época. Não havia que fiar n'ellas. No que respeita particularmente á Africa, nada se conhecia depois do cabo Não, como affirma Barros (59). Julgava-se que além se recurvava para leste um mar que circumdava a parte austral do continente; ao poente era o mar tenebroso, vedado aos mortaes, povoado de ilhas phantasticas; a zona torrida era inhabitada; Jerusalem era o centro da terra; o Nilo corria de nascente para poente; para explicar como atravessava o mar vermelho, imaginava-se um tunnel, uma passagem subterranea.

Era tal a imperfeição das cartas, que dois annos depois da morte do infante, em 1462, Diogo Gomes ainda dizia no latim barbaro do seu diario, que nos conservou o grande typographo Valentim Fernandes de Moravia: «Et ego habebam quadrantem... et ipsum meliorem inveni quam cartam» (60).

O que fossem n'aquelle tempo as cartas maritimas, dil-o Affonso v, no celebre documento de 1446, tantas vezes citado, em que se prohibe navegar além do Bojador sem licença do infante «porque antee entom (D. Henrique) nom hauja nenguẽ na christindade que dello soubesse parte, nem sabião se auja alla povoaçom, nem direitamente *nas cartas de marear nem mappa mundi nom estavam debuxadas* senom aprazer dos homẽs que as fazião des o dito cabo Bojador per diante» (61).

No que respeita aos instrumentos, a pobreza era ainda maior. Existia é verdade, a bussola, mas que bussola! Em primeiro logar não póde demonstrar-se que fosse empregada no mar antes do seculo xii, mesmo pelos chinezes que parecem ter sido os seus inventores. A primeira carta em que apparece desenhada é do seculo xiv, diz Santarem. Em Azurara encontramos uma phrase que parece indicar que o seu uzo era limitadissimo «quereis-me dizer que por opinyom de quatro mareantes, os quaaes como som tirados da carreira de Frandes ou de alguũs outros portos pera que comũnmente navegam, nem sabem mais teer agulha» (62). Isto dizia o infante a Gil Eannes, procurando vencer-lhe o terror de arcar com o desconhecido e de dobrar o cabo Bojador, e dizia-o encarecendo o uzo da bussola e animando-o a empregal-a. Nem admira que antes dos tempos do duque de Vizeu o seu uso fosse limitadissimo, se dermos credito aos auctores citados por Santarem (63), que nos descrevem a agulha d'essa época. Não era suspensa, mas estava collocada sobre um corpo leve, palha ou cortiça que nadava sobre a agua contida n'uma pequena taça (64).

Só depois dos primeiros descobrimentos dos portuguezes é que foi aperfeiçoada a bussola, e o italiano Azuni (65) não duvida affirmar que na escola de Sagres é que foram determinadas as leis

e os principios segundo os quaes se podia empregar este instrumento.

Para tomar a altura do sol e fixar o ponto tinham os contemporaneos de D. Henrique apenas o astrolabio, instrumento pesado e incommodo, além de imperfeito, e por tanto incorrecto; sendo ainda que, na opinião do nosso profundo mathematico Garcez Stockler (66) é duvidoso que este mesmo rudimentar instrumento chegasse a ser empregado durante a vida do grande infante.

Os barcos, com os quaes foi emprehendida a grande lucta de que saimos vencedores com o oceano, eram imperfeitissimos, como fórma e como construcção. Não tinhamos as madeiras da India e do novo mundo, e era-nos mister empregar os recursos que haviamos á mão. Na Torre do Tombo existe o traslado da carta regia que auctorisa o Infante a mandar cortar nos pinhaes reaes a madeira da qual carecer para as suas embarcações (67). As caravellas, barineis, pinaças, galeões, fustas e outros navios então usados, eram inconvenientissimos para o alto mar. Só passados annos, é que a experiencia levou os portuguezes a melhorarem as suas embarcações, mas d'estes aperfeiçoamentos guardavam sempre ciumento segredo a todos os outros povos.

Póde ler-se em Garcia de Rezende (68) a curiosa historia da mentira espalhada por D. João II, o principe perfeito, que n'isso como diz o chronista foi «muito prudente e muy astucioso», ácerca da impossibilidade em que estavam os navios redondos de irem á costa da Mina, onde elle mandava espalhar que só podiam navegar os navios com velas latinas, então usadas só em Portugal, como se refere. Para tornar verosimil este boato, ordenava secretamente aos capitães que fizessem dar á costa alguns d'esses navios, que já em mau estado traziam de Portugal, com semelhante destino.

Taes eram, meus senhores, as condições em que se encontravam os mareantes portuguezes quando sob a inspiração do mestre de Christo travaram com as forças associadas do oceano e da atmosphera, o duello implacavel em que elles ficaram vencedo-

res. É apenas justo confessar que bem mal apparelhados estavam para entrar na liça contra tão formidaveis contendores. Deveriam sorrir-se as vagas e os ventos, ao considerarem a fraqueza dos adversarios, como outr'ora Golias ao contemplar a pequena estatura e as delicadas formas de David; e bem podemos crer, com o poeta, que lhes atiraram de longe, pela horrenda e grossa voz do Adamastor, com a imprecação de quem se sente humilhado antes de se reconhecer vencido.

A conquista do mar emprehendida n'estas condições foi um feito tão assombroso, que de todo o tempo se tem levantado quem pretenda disputar-nos a nossa incontestavel prioridade. Não cabe nos limites d'esta conferencia narrar a historia d'estas controversias, nem as respostas victoriosas que da nossa parte temos opposto a tão injustas reclamações. O nosso illustre compatriota visconde de Santarem examinou detidamente a questão n'uma das suas mais eruditas e valiosas obras (69). O trabalho de M. Major (70), tão glorioso para nós, como importante para a historia em geral, é a mais completa revindicação do que só a má fé nos poderia contestar.

Os proprios documentos da época de D. Henrique ou pouco posteriores, como que prevendo as duvidas que depois se haviam de levantar, encarregam-se de refutar de ante mão, os contradictores da nossa justiça.

Na carta que já referi de D. Affonso v, datada de 1446, ácerca da navegação além do Bojador, está claramente consignada a nossa prioridade. Sobram diplomas d'este monarcha e do seu antecessor contendo identicas allusões, que por brevidade omittirei agora.

O papa Sixto IV na bulla de 21 de junho de 1481 (71), na qual resume e confirma as bullas dos seus predecessores ácerca da espiritualidade das novas conquistas, exprime o mesmo pensamento pelas seguintes palavras que fielmente traslado da traducção do cartorario de Thomar em tempo de D. Manuel, Pedro Alvares: «que em tempo algum ou ao menos que fosse em memoria d'homens, nã

se acostumasse navegar per o dito mar oceano contra as partes meridionaes e orientaes, o qual até ora assi a nós outros do occidente *nunca foy conhecido*, que não tinhamos nenhũa certa noticia das gentes d'aquellas partes». Isto dizia a santa sé, que era certamente n'aquella época a potencia mais bem informada de quantas havia na Europa, e que seguia attentamente, no interesse da religião, da politica e da sciencia, todo o movimento das navegações e descobrimentos. Nem ella certamente attribuiria tamanha gloria a Portugal, se receasse provocar reclamações fundadas das outras nações, que não deixariam de lh'as apresentar, se para isto tivessem pretexto.

Cadamosto, negociante veneziano, cujo nome está inseparavelmente ligado com os dos intrepidos cavalleiros de D. Henrique, e que nos deixou da sua viagem á Senegambia uma tão curiosa e completa noticia, diz logo no começo da sua narração: «Il primo inventore di far navigare a' tempi nostri queste parte del mare oceano verso mezzo di dette terre dei negri della bassa Ethiopia, è stato lo illustre signor infante D. Henrich di Portogallo... Il capo Non fu sempre il termine dove non si trovava alcuno che più oltre si fosse passato etc.» (72).

Mas para que acumular argumentos, quando temos o proprio infante D. Henrique a recontar-nos com a modestia, que tão bem cabe á verdade, a parte que elle teve n'essas gloriosas emprezas? Ouçamos esta grande voz d'além da campa, e emmudeçam perante ella todas as vozerias desentoadas que pensam provar, porque abafam os contradictores. N'um instrumento datado de 26 de dezembro de 1458 (73), menos de dois annos antes da sua morte, diz o duque de Vizeu: «Sendo certo como des a memoria dos homẽs se nom avia *algũa noticia* na christandade, dos *mares*, *terras* e *gentes* que eram além do cabo de Nam contra o meio dia, e esguardando quanto serviço se a Deus em ello fazer podia, e bem assy a ElRei D. Affonso, meu sñr e sobrinho, que Deus mantenha, me fundei de enquerer e saber parte de muitos annos passados aca, do que era des o dito cabo de Nam em diante, nam sem grandes meus

trabalhos e infindas despezas specialmente dos dinheiros e rendas da ordem» (de Christo).

Creio que estas singellas palavras são a mais cabal, a mais completa refutação que poderiamos desejar, dos argumentos laboriosamente amontoados pelos adversarios da nossa prioridade.

E que nos importam estes argumentos se é incontestavel, se ninguem pretende negar, que antes dos descobrimentos dos portuguezes, e fossem quaes fossem as anteriores navegações, nada se sabia d'estas partes do globo a que impozemos a nossa nomenclatura, em que introduzimos a nossa lingua, que primeiro delineamos nos nossos mappas, que antes de mais ninguem civilisámos pela cruz e conquistámos pela espada? Que importa que nos contestem os nossos direitos quando a propria Africa lá está pregoando a nossa justiça, com os nomes de toda a sua costa, do Bojador em diante; o rio do Ouro, as angras dos ruivos, dos cavallos, o porto do Cavalleiro, os cabos Branco, do Resgate, as ilhas das Garças, todos os rios, todas as enseadas, todos os recortes da costa occidental, e até para lá d'este cabo tormentoso, dobrado por Bartholomeu Dias, que ao porto onde encontrou abrigo depois da grande victoria que sobre o mar alcançára, deu o nome de rio do Infante, em homenagem respeitosa áquelle que fôra o iniciador da grande lucta em que haviamos afinal vencido? «Que importa que outras quilhas sulcassem d'antes esses mares, que Camões chama — nunca d'antes navegados — diz o illustre academico que me ha de succeder n'este logar (74), se nenhum vestigio ficou d'estas navegações, se a geographia nada aproveitou com ellas, se não sobreviveu nenhuma indicação que podesse guiar os subsequentes navegadores?»

Deixemos pois em paz os adversarios da nossa prioridade, e como Dante, digamos:

«Non ragionam di lor, ma guarda e passa,»

que nos falta percorrer ainda algum caminho.

Se ao infante D. Henrique compete a incontestavel gloria de

haver aberto a estrada que levou aos subsequentes descobrimentos dos portuguezes, não póde negar se que elle fôra até certo ponto precedido por alguns ensaios mais ou menos felizes, emprehendidos durante os reinados dos soberanos da primeira dynastia. As Canarias haviam sido descobertas em tempo de Affonso IV (75), como se vê d'uma carta d'este soberano ao Papa, que lhe escrevera pedindo-lhe reconhecesse por senhor d'estas ilhas a Luiz d'Hespanha, bisneto d'Affonso o sabio, de Castella. A tentativa de Luiz não teve bom resultado, e foi sómente sessenta annos depois que um fidalgo normando João de Bethancourt colonisou uma d'estas ilhas. É curiosa a narrativa que d'este acontecimento nos deixou o portuguez Diogo Gomez na sua obra: *De insulis primo inventis*, publicada, conjunctamente com a outra de que já fallei, pelo dr. Schmeller (76). Parece que esse fidalgo, a quem Diogo Gomes chama *Betingkor*, éra leproso, e que por vergonha do seu estado saíra da sua terra e fôra habitar Sevilha. Aqui ouviu fallar nas ilhas descobertas pelos portuguezes, e tendo para si que em parte alguma poderia viver mais abrigado de indiscretas curiosidades, embarcou com sua mulher e filhos, levando comsigo grande quantidade de sementes e foi povoar e agricultar a ilha Forteventura.

No que respeita á Madeira e Açores, e sem querer agora encetar a tão controvertida questão d'esse Machim e de sua amante Anna d'Arfet, a quem o nosso primoroso escriptor Francisco Manuel fez a honra de escolher para protagonistas de uma das suas mais romanticas historias (77); no que respeita estas ilhas é provavel que não fossem inteiramente desconhecidas dos portuguezes antes das grandes navegações do seculo XV, quando elles se ensaiavam e se adestravam para o alto destino a que a Providencia os destinara.

Apesar d'estas anteriores viagens, realisadas nos annos que immediatamente precederam os descobrimentos de D. Henrique, e de outras porventura tambem veridicas, das quaes haviam ficado tradições mais ou menos apagadas, é certo que a gloria do nosso principe navegador não é assombrada com estes preludios que

mal deixavam perceber aos mais atilados o muito que ainda havia a realisar, para completar o pouco que estava executado. Tambem os gregos conheciam alguns phenomenos electricos, e comtudo ninguem se lembrou ainda de despojar a Franklin e a Volta da gloria que justamente lhes cabe, por haverem descoberto e estudado este poderosissimo agente de tão maravilhosos effeitos.

O que muito concorre para levantar o merecimento do infante, o que não póde nem deve esquecer a quem fallar n'esse homem, tão acceso no amor da patria, e no amor da sciencia, que é outra patria tambem, mais vasta do que o torrão em que nascemos, e menos ingrata quasi sempre, o que nos deve acabar de encher de veneração pelo principe navegador, é o inteiro desprendimento com que empregou a fazenda, não só propria, que já era muita, senão a da ordem de Christo, que era maior ainda, na obra a que elle dera tambem a vida.

Fallecido Lopo Dias de Sousa, grão-mestre de Christo, no anno de 1418, o infante, já então cavalleiro, foi investido (78) por seu pae na elevada dignidade que a este illustre fidalgo arrebatára a morte. O que fosse então o mestrado de uma das ordens militares, o que este importante cargo accrescentava de influencia e riqueza á muita riqueza e influencia que já tinha o duque de Viseu, mal póde comprehender-se hoje, sem largas explicações que não teriam aqui proprio cabimento.

Deveriam estes logares ser de alta valia, pois que desde o tempo de D. João I só foram conferidos a principes de sangue real. Eram avultadissimos os reditos da ordem, numeroso e escolhido o seu pessoal, larguissima a sua acção. Tudo isto aproveitou o infante em prol da sua obra. Não o digo eu; affirma-o elle mesmo em mais de um documento. Já vos citei um, de cujas palavras se colhe o que deixo dito. Outros muitos poderia apresentar ainda, como por exemplo a carta, em que doando á ordem a espiritualidade da sua villa em Sagres, diz o infante que assim procede por ter em conta os muitos bens que da ordem recebeu (79).

Confirmam os diplomas regios esta declaração do infante (80)

e não a desmente o cartorario da ordem, que em tempo de D. Manuel, reduziu a leitura nova as escripturas antigas existentes em Thomar (81). O redactor anonymo das definições e estatutos da ordem de Christo, tão parco em elogios aos gran-mestres, sae da sua habitual reserva ao fallar no duque de Viseu, e quando percorrendo a lista d'estes dignitarios, chega ao nosso infante, expraia-se n'uma digressão laudatoria que debalde procuramos junto dos outros nomes (82).

Finalmente muitas bullas pontificias acabam de nos convencer da verdade do que affirmei (83).

Estas mesmas auctoridades servem para provar, que da sua fazenda dispendeu tambem muito o infante, a fim de levar a cabo o seu glorioso emprehendimento. Abençoada capitalisação de reditos foi aquella, em que semeando ás mãos fartas o seu cabedal de dinheiro, veiu a colher, e a entregar á sua patria como juro de tão lucrativo emprego, o imperio dos mares e o exclusivo do commercio do oriente (84).

Não ficou despercebido o grande alcance das navegações mandadas executar pelo infante. O desanimo dos primeiros dias, o desalento que todos expressavam, e de cuja unanimidade já vos dei amostra nas palavras de Azurara que atraz referi, duraram apénas o tempo consumido por alguns capitães em tentar a passagem do cabo Bojador. Estes annos foram na verdade crueis para o infante, e sem duvida houve elle mister de toda a energia da sua grande alma, para não desmaiar e voltar o rosto a um inimigo, que de todo o ponto parecia invencivel. Mas n'um ultimo esforço investe ainda com o temido cabo, um fiel e dedicado escudeiro do infante, e lembrado das suas recommendações «determina em sua voontade nom tornar mais ante a presença de seu senhor, sem certo recado daquello pera que o envyava» (85). Foi, e d'esta vez venceu. «Menos preçando todo perigoo dobrou o cabo a allem, onde achou as cousas muyto pello contrario do que elle e os outros ataaly presumyam» (86).

Estava descoberto o segredo, e arrancado finalmente o obs-

curo veu que por tantos seculos havia escondido a terra sonhada, antevista, desejada.

Refere-nos um antigo chronista (87), que «Gil Eannes, ao voltar a Sagres, em sinal de (a terra além do Bojador) não ser tão esterele, como as gentes diziam, trazia alli a sua Mercê em hum barril cheio de terra, humas hervas, que se parecyam com outras que cá no reino tem flores, a que chamavam rozas de Santa Maria. As quaes sendo trazidas ante o infante, elle as cheirava, e tanto se gloriava de as ver como se fôra algum fruto e mostra da terra de promissão.» Gracioso e poetico episodio é este, no qual, ao inverso do que se nos conta da rainha santa, em cujo regaço o ouro dos pobres se havia trocado em delicadas rosas, veem estas perfumadas flores, logo na aurora do nosso grande dia, presagiar-nos o abundantissimo ouro em que se haviam de converter estes primeiros e singelos mimos que das nossas conquistas nos chegavam.

Tornado Gil Eannes, e dobrado o temeroso cabo, amiudam-se as viagens, multiplicam-se os exploradores. Logo no seguinte anno, 1434, a crermos Azurara (88), foi Affonso Gonçalves Baldaya, o qual já passou trinta leguas adiante do cabo, e confirmou assim o descobrimento de Gil Eannes. A infeliz expedição de Tanger, a morte de D. Duarte, as dissenções politicas que a todos traziam inquietos, interromperam por alguns annos os progressos das navegações, mas não esfriaram o enthusiasmo em que se havia accendido o animo do infante. Consolidado o governo nas energicas mãos de seu irmão D. Pedro, voltou para o seu desolado promontorio, e d'ali enviou, sem mais descanço nem interrupção, novos capitães em demanda d'essas terras que principiavam apenas a revelar-se. Diniz Dias, Nuno Tristão, Antão Gonçalves, Lançarote, e tantas dezenas d'outros, nacionaes e estrangeiros, correm agora pressurosos a accrescentar cada anno algumas legoas de nova costa ás legoas anteriormente descobertas. D'elles fallará sem duvida detida e eloquentemente o meu illustre consocio que a mim tem de seguir-se.

Ao esforço individual succedeu bem depressa o esforço collectivo. Logo em 1444 se fórma em Sagres uma companhia que se propõe continuar os descobrimentos da costa occidental d'Africa. Pouco depois arrenda-se o commercio da Guiné, impondo-se ao rendeiro a obrigação de descobrir em cada anno cem legoas de costa (89). Começam a travar-se relações mais directas e seguidas com os habitantes do continente negro. Firmam-se com elles tratados; estabelece-se com regularidade o resgate; veem a Portugal enviados dos regulos africanos; pedem alguns o baptismo; e logra o infante, a par dos resultados materiaes das suas conquistas, presencear tambem os resultados moraes, que á sua alma tão profundamente christã haviam certamente de primar aquelles, por mais importantes que elles parecessem á sua intelligencia tão primorosamente cultivada.

Perante tão pasmosos resultados inclinaram-se todos em profunda admiração e reconhecimento. O soberano e seus conselheiros não foram dos ultimos a perceber o alcance das navegações ordenadas pelo infante, e a dispensar ao illustre principe que as iniciára, todo o favor e protecção que da corôa podia descer sobre tão poderoso vassallo. Sobram nos nossos archivos as provas do muito com que logo, desde o começo dos descobrimentos, os reis os favoreceram e auxiliaram (90).

São privilegiados os mareantes de D. Henrique, e o mestre da sua nau Diogo de Pinheiro; são isemptos de direitos as exportações da Madeira e Porto Santo; são doadas estas ilhas ao infante; é-lhe concedido o exclusivo do commercio além do Bojador; recebe o dizimo novo de todo o peixe colhido no mar de Monte-Gordo; e até como recompensa suprema vem uma carta regia outorgar-lhe um jazigo na capella real da Batalha, afóra outras muitas regalias que ás mãos largas lhe são concedidas. Os poutifices, por sua vez, accrescentam mercês espirituaes, mas rendosas, ás muitas mercês temporaes que da corôa portugueza recebera o infante (91). Espalha-se ao longe a fama das nossas navegações. Acodem estrangeiros a alistar-se no rol dos denodados companhei-

ros de D. Henrique (92). Genova e Veneza sentem que lhes vae fugir o sceptro dos mares, e que uma nação maritima bem mais poderosa do que ellas jámais foram, se está erguendo no recanto mais occidental da Europa. As noções geographicas começam a reformar-se, as cartas a melhorar-se (93), os instrumentos a aperfeiçoar-se. Em 1438 chama o infante a Sagres o illustre cosmographo Jacome de Maiorca, e com o auxilio de tão abalisado mestre, prepara com os necessarios estudos os homens a quem entrega o commando das suas caravellas. Foi este porventura o fundamento com que alguns dos nossos historiadores quizeram phantasiar a existencia na villa do Infante de uma verdadeira escola de nautica, no sentido restricto da palavra, e não escola como me parece que ella deva aqui entender-se, no sentido lato que tambem admitte o vocabulo, de centro de acção, de principio inspirador, de norma e começo de uma tradição que se prolonga por largo tempo, mesmo depois de cessar a causa que primeiro lhe deu vida (94).

O cuidado dos descobrimentos e o carinho com que os patrocionava, não tolhiam ao infante o ensejo de olhar por outros interesses de que tinha a guarda, e que porventura amimaria tanto porque d'elles poderia tambem colher vantagens para a sua principal obra.

Não descurava quanto dizia respeito ao augmento e desenvolvimento das propriedades da ordem de Christo. Vivem ainda hoje documentos que attestam o muito favor que lhe mereceu sempre não só a agricultura, mas ainda a industria. Para augmentar as suas rendas, e poder melhor acudir ás grandes despezas das suas armadas, não hesitou o infante em ter fabricas de tinturaria e saboaria, em organisar pescarias de atum e de coral, em levantar moinhos de vento, e armar sobre barcos moinhos no Tejo, em fazer canaes e estacadas no Rodão para colher abundante pescado (95). Por outro lado o seu espirito eminentemente liberal e pratico, começando já a prever os muitos beneficios que podiam resultar do desenvolvimento do commercio interno do paiz, não se furtava a olhar para o augmento d'este importante elemento de riqueza. A

seu pedido foram fundadas feiras francas em Tarouca, Pombal, Viseu e Thomar. Aos feirantes eram concedidos privilegios excepcionaes e de tal ordem, que certamente haviam de chamar a este ajuntamento numeroso concurso de povo (96).

Olhou com particular attenção para o gravissimo assumpto da instrucção publica, fundando e dotando cadeiras e doando varias casas aos estudos geraes, que mal podiam funccionar no apertado e velho edificio em que estavam. Segundo se refere (97) offereceu-lhe a universidade o titulo de seu protector, e certamente mais dedicado e zeloso não o podiam encontrar as escolas fundadas por D. Diniz.

Em meio de tão trabalhada existencia não lhe passavam desapercebidos outros deveres porventura menos instantes. Assim é que não esqueceu a um dos annalistas da ordem de Christo, grato por tantos favores, de memorar que a este esclarecido principe se deveram muitos accrescentamentos e embellezamentos no convento principal d'esta sagrada milicia (98). Levantou grande numero de fabricas para egrejas, como elle mesmo se não esquece de dizer em seu testamento (99). Mas entre todas as suas fundações, encontro vestigios de uma que não posso acabar comigo de não lembrar aqui, como prova do muito que o infante queria aos mareantes e do mui particular cuidado que sempre lhe mereceu esta classe, em prol da qual tanto lidou. Notára o duque de Viseu que no porto do Restello, hoje Belem, se recolhiam muitos navios, e que as tripulações não encontravam ali nem soccorros espirituaes, nem o mais necessario de todos os refrescos, nem sequer agua. Para prover aos primeiros fundou ali a capella, que a munificencia de D. Manuel converteu depois no grandioso templo dos Jeronymos; para occorrer aos segundos, comprou um horto com sua agua, determinando mui expressamente que esta se não vendesse, mas se concedesse aos mareantes, livre de todo o gasto. Como ultimo toque para pintar o homem, accrescentarei que no instrumento da doação, pede aos que se servirem d'esta agua, se não esqueçam de orar por alma d'aquelle a quem a devem (100).

Não julgueis porém, meus senhores, que este sabio, este estudioso, este solitario morador do promontorio sacro, limitasse a sua actividade aos exercicios do espirito, e se esquecesse da nobilissima herança de virtudes militares que deixára o esforçado mestre d'Aviz.

Não podia um filho de D. João I, um portuguez do seculo XV pendurar, como inutil, em panoplia decorativa, a forte espada que ao pae servira para conquistar a coróa, aos portuguezes para consolidar a independencia da patria.

A cruzada contra os sarracenos não terminara. Expulsos do solo portuguez, ia atacal-os no solo d'Africa a tradicional politica dos nossos soberanos. No reinado de D. Affonso V, ainda durava o impulso que partira do conde D. Henrique. O neto de D. João I é sobretudo lembrado na historia como conquistador d'Arzilla; dos varios titulos com que poderia condecoral-o a musa popular, escolheu ella o de «africano».

Só no tempo de D. João II é que toma novo rumo a actividade dos portuguezes. Este rumo sabeis qual foi, e a quem o deveram.

Mas se D. Henrique abriu novo capitulo na historia da nossa evolução social, nem por isso deixou de ser homem do seu tempo. Rasgou, é verdade, a nova estrada, mas não lhe foi concedido ver em sua vida, abandonada a antiga. Teve elle mesmo de trilhal-a. Já vos disse que para conquistar as suas esporas de cavalleiro entrou na expedição de Ceuta, planeada por D. João I, com o fim principal de dar ensejo aos filhos primogenitos de ganharem a honra da cavallaria.

Nas batalhas que se feriram em volta da praça, foi tão acrisolado o valor do infante, tão serena e ao mesmo tempo tão arrojada a sua coragem, que não lhe escureceram o vulto, os épicos vultos de D. Duarte, de D. Pedro, e dos condes de Barcellos e de Vianna. A espada que D. Filippa, já moribunda, entregára ao filho com a ultima benção materna (101) e que pela vez primeira, brilhava ao sol das batalhas, bem mostrou que era vibrada por mão

de quem herdára não só o nome mas as virtudes guerreiras do vencedor d'Aljubarrota.

Segunda vez voltou a Africa o duque de Viseu, em 1418, quando os mouros ameaçavam atacar Ceuta, para arrancar á nossa soberania uma praça que tanto sangue nos custára tres annos antes; e pela terceira vez pisou o solo africano na desgraçada expedição de Tanger, cujas fataes consequencias já atraz vos referi.

Estamos tão costumados a considerar em D. Henrique o iniciador dos nossos descobrimentos, que facilmente nos esquecemos de memorar os outros serviços que tambem devemos a este esclarecido principe. Mas não póde nem deve deixal-os no olvido a historia. Bastariam para nobilitar uma existencia. Assombra-os porém a immensa e merecida fama com que as descobertas ultramarinas aureolaram para sempre a fronte augusta do mestre de Christo.

Foi pois larguissima a acção benefica d'este principe, ao mesmo tempo guerreiro, navegador, agricultor, industrial e politico. Sob o seu influxo inaugurou-se uma nova era em Portugal, era de prosperidade material e de engrandecimento intellectual, de que seu afortunado sobrinho colheu os fructos e a que ligou o seu nome.

É porém certo que ao infante D. Henrique devemos principalmente reportar a gloria que illumina a fronte de D. Manuel. Foram as vigilias, os suores, os estudos, a perseverança do duque de Viseu que se transformaram na opulencia e na grandeza que exalçaram o throno do duque de Beja.

Ha na physica moderna uma theoria admiravel, cujas consequencias nem o homem póde ainda calcular; que talvez em si contenha a solução do grave problema que um dia se ha de apresentar aos nossos descendentes, quando esgotados os depositos de combustivel fossil, tiverem de recorrer a outro agente para alimentar as suas insaciaveis machinas; cuja applicação talvez deixe aproveitar em breve as até agora desaproveitadas forças das grandes quédas de agua, como o Niagara, cujas espumantes cascatas se despenham em fragorosa quéda, para apenas nos dar o mais grandioso espectaculo que imaginar se póde; lei que o genio de Rumford adi-

vinhou, e que o estudo dos nossos contemporaneos procura demonstrar; a theoria da transformação das forças. Calor, luz, electricidade, movimento, são porventura os multiplices aspectos de um só principio, e não principios diversos e independentes. Alcançado um, produz-se outro. Engendram-se mutuamente; transformam-se á vontade do homem, conforme as suas necessidades. Do movimento nasce o calor, a luz, a electricidade, e a nosso talante podemos, transportando-o ás maximas distancias, produzir com o movimento que estamos creando, resultados diversissimos conforme nos aprouver.

No mundo moral realisa-se tambem esta admiravel transformação. O trabalho obscuro e solitario, produzido por um só homem, vae crear, em futuras épocas, as opulencias que enriquecem muitos e os resplendores que illuminam outros. Foi assim que de D. Henrique partiu quanto oiro encheu os cofres de D. Manuel, e quanta gloria lhe esmaltou a corôa.

Os successores do estudioso de Sagres chamam-se Bartholomeu Dias, Pedro Alvares Cabral, Diogo Cão, Pedro da Covilhan, Gaspar Corte Real, Vasco da Gama, Fernando de Magalhães, Christovão Colombo. Foram elles os verdadeiros discipulos da escola de Sagres, e os continuadores de uma obra cujos capitulos se intitulam: a Guiné, o Congo, as Costas d'Africa, o Cabo de Boa Esperança, o Caminho para as Indias, o Brasil, a Terra de Fogo, a Terra do Lavrador.

Quando com os olhos da alma contemplo aquella pequena Villa do Infante, theatro de tão maravilhosos feitos, affiguram-se de pé as suas muralhas; vejo cheio de vida e bulicio o seu porto, apinhoadas as ruas sombrias e tortuosas que da enseada conduzem ao paço; oiço o trafico offegante das vendas e compras, o labutar, a que não põe fim o dia, do martello e da serra; admiro os seus armazens atulhados dos novos despojos opimos d'Africa; adivinho a faina incessante que vae a bordo dos navios, apparelhando-se uns para levantar ferro, descançando outros de longiquas viagens; maravilho-me do espectaculo que me apresentam esses rudes e toscos barcos que a tanto se afoitaram no oceano, e que baloiçan-

do-se agora sobre as tranquillas aguas da bahia, estão como que impacientes de voltarem a vencer novos perigos e a conquistar novas glorias. Oiço o rumor confuso de vozes portuguezas, misturado com estranhos sons de exoticos idiomas, o italiano, o flamengo, o inglez, o mouro, os gutturaes accentos do hebraico vulgar, e até os mal articulados gritos do habitante da Guiné. Entro n'essas casas; presto ouvido ao que n'ellas se diz. Por toda a parte descubro uma só vontade, um só desejo, uma só paixão. A vontade decidida e firme de pagar á patria, com a propria vida, se necessario for, o tributo de trabalho e sacrificio que todos lhes devem; o desejo fervente de servir o seu Deus, o seu rei, o seu infante; a paixão tenaz mas reflectida e perseverante de conquistar gloria. N'um estreito quarto, encostado a tosca meza, vejo um mareante meditar silencioso sobre um mappa, em que busca informar-se dos novos descobrimentos que annunciaram as recemchegadas caravellas; adiante descubro outro, escutando avidamente as lições do mouro que, por ser lido nos cosmographos da sua terra (102), poderá esclarecel-o sobre certos pontos duvidosos, e ajudal-o porventura a descobrir alguma ilha, que houvesse escapado á perspicacia dos que o precederam; acolá encontro-me com um grupo que se encaminha para a habitação de Jacomo de Maiorca, o mestre piloto a quem o infante havia entregue a sua escola de nautica; dou de rosto, ao voltar da rua, com um forasteiro que vem offerecer ao principe os seus serviços e pedir-lhe que o deixe amestrar-se com os portuguezes na arte de navegar por esses ignotos mares; passo junto d'outro que, impellido não já pela sede do ganho ou da sciencia, mas pela da gloria, vem de longes terras até este rochedo batido das vagas, em busca das honras da cavallaria que quer merecer nas remotas plagas d'Africa (103); passa por mim o astuto judeu que ali vem mercadejar; o azenegue que impaciente espera que o devolvam á patria; o rico veneziano que vê fugir-lhe o exclusivo do commercio do levante, diante das conquistas d'um pequeno povo, cuja existencia mal conhecia; o mouro desconfiado das informações que lhe pedem e que elle dá a medo, lembrado ainda de Ceuta e de Alcacer;

o flamengo que se vale do nome da duqueza de Borgonha para esperar bom acolhimento.

Levanta-se aqui um tumultuar de vozes em que mal se distingue um pedido unanime: são marinheiros portuguezes que requerem-se alistarem a bordo dos navios do infante. Adiante encaminha-se uma turba para vasto campo nos arredores da villa: chegou na vespera uma embarcaçãó, e vae partir-se a presa de homens e mercadorias que lhe abarrota os porões. Recebe o infante o seu quinto, como lh'o concedera el-rei, mas o melhor offerece-o á pequena egreja onde ia pedir a Deus inspirações para a sua obra, e bençãos para os seus collaboradores (104).

Subo ao paço, e maravilhado do estranho espectaculo em que se me vão os olhos, procuro a alma que insuffla a vida a este gigantesco e variadissimo corpo.

Entro em aposentos singelamente ornados.

Custosos manuscriptos, recobertos de pesadas encadernações de madeira e pregaria, descançam sobre as prateleiras da estante que reveste uma das paredes. Entre todos, fere a vista o bellissimo exemplar das viagens de Marco Polo, que a serenissima republica de Veneza offereceu ao principe viajante o infante, D. Pedro, que o deu como precioso mimo a seu irmão, o vidente de Sagres (105). Na parede fronteira, em vez de panos de Flandres, ou de bordadas tapeçarias, espalma-se o mappa que explica o livro, e que foi com elle doado ao duque de Coimbra. Junto d'este mappa ha outros, em alguns dos quaes vão sendo cuidadosamente apontados os progressos das navegações portuguezas e os descobrimentos que assignalam cada viagem. Sobre uma meza apresentam-se em pittoresca, mas não desordenada confusão, astrolabios, quadrantes, agulhas e outros instrumentos; n'outra estão amostras dos productos d'Africa, sempre á mão para attestarem aos incredulos o que valem essas feracissimas terras, e para serem enviadas como poderoso meio de seducção aos navegantes estrangeiros que, irresolutos ainda, aportam a Sagres (106). Enchem as salas os cavalleiros, escudeiros, moços fidalgos, moços da camara, de estribeira, de monte,

que formam a casa do infante (107); por entre a turba enxergam-se as vestes sacerdotaes dos capellães. Ali esperam, desempenhando os seus serviços palacianos, que lhes chegue a vez de irem, uns como capitães de caravellas, outros como missionarios da religião, cumprir os seus deveres d'apostolos a essas regiões ignotas, illuminadas do mais deslumbrante de todos os soes, mas onde mal despontava ainda o crepusculo da civilisação e da fé.

Vae passando pelos grupos um homem, a quem todos respeitosamente abrem caminho. As suas vestes escuras e de severo talho ostentam no logar de honra, no peito, sobre o nobilissimo coração que ali pulsa, a cruz vermelha dos gran-mestres de Christo. É o infante D. Henrique, duque e alcaide mór de Viseu, senhor da Covilhan, das Berlengas, de Lafões, de Besteiros, Linhares, Ceia e outras villas, donatario da Madeira, Porto Santo e desertas, fronteiro mór da Beira, alcaide mór de Silves, governador da ordem militar de Christo (108).

Não se abalança a retratal-o o meu pobre e humilde pincel; na palheta, não ha tintas bastante vigorosas para lhe dar todo o relevo com que elle se realça magestoso sobre o magnifico pedestal que lhe ergueram as suas obras. Permittam, meus senhores, que em vez de um esboço apagado, como seria o meu, lhes apresente a estatua cortada no rude granito da antiga linguagem portugueza, por aquelle admiravel cinzelador que se chama Gomes Eannes d'Azurara (109). Era o infante «homem de carnadura grossa e de largos e fortes membros; a cabelladura avya algum tanto alevantada; a côr de natureza branca, mais polla continuaçom do trabalho, per tempo, tornou d'outra forma. Sua presença do primeiro esguardo aos nom uzados era temerosa; arrevatado em sanha, empero poucas vezes, com a qual avya mui esquivo sembrante. Fortaleza de coraçom e agudeza dengenho forom em elle em muy excellente graoo. Sem comparaçom foe cobiçoso dacabar grandes e altos feitos... Foe homem de grande conselho e autoridade; avisado e de boa memorya... constante na adversidade e nas prosperidades omildoso. Nunca em elle foe conhecido hodio nem maa

voõtade contra algũa pessoa... grande amor ouve sempre aa cousa publica destes regnos, dispoendo grande parte de seu trabalho por seu boõ auyamento, e muyto folgava de provar novas speriencias pera proveito de todos, ainda que fosse com sua grande despeza. Geralmeẽte era amado de todos, porque casi a todos aproveitava, e a nhuũ empecia... Seu coraçom nunca soube que era medo senom de pecar» (110).

Tal é, meus senhores, nos seus principaes lineamentos physicos e moraes, a grande figura que temos diante de nós. Ali, n'aquelle discreto asylo de Sagres concebeu, preparou e executou uma das maiores revoluções de que foi theatro o mundo; ali desviou a corrente do commercio dos leitos a que por tantos seculos ella estava affeita, para a trazer a opulentar os nossos thesouros ali, do alto do seu observatorio, estudou theorica e praticamente a arte de navegar, e a ensinou aos seus intrepidos mareantes; ali aperfeiçoou os instrumentos nauticos, melhorou as cartas, e tornou pratico o uso da bussola a bordo dos navios; ali, perdido no seu intenso meditar, viu em prophetica visão o magnifico espectaculo dos galeões portuguezes, sulcando como dominadores do mar, as vagas dos oceanos, e aportando a remotissimas praias, voltarem á patria mais carregados de mercadorias que as antigas naus de Tyro e de Sidonia; ali se lhe alongavam os olhos pelo azul dos vastos mares, como que para lhes sondar os mysteriosos arcanos; ali via fugir diante da luz, que lhe allumiava o espirito, as pavorosas lendas do tenebroso oceano, como as visões de uma noite febril fogem diante da claridade do dia que vae nascendo; ali traçou o plano que para a sua querida patria havia de conquistar um imperio, circumscripto não já pelo Ganges e pelo Nilo como o de Alexandre, mas pelo mar Indio ao nascente, e o Pacifico ao occidente; um imperio, que tinha por lago interior o atlantico, por balisas a um lado o Himalaya, ao outro os Andes, por limite o espaço, por termo o infinito.

(1) Qual fosse a superioridade de D. Duarte, bem se póde conhecer da resposta que deu á instancia que junto d'elle fizera mestre Guedelha, seu physico e astrologo, no dia da sua coroação, para que adiasse esta ceremonia até ao meio dia, «porque Jupiter está retrogradado e o sol em descaimento»; ao que el-rei replicou que tal não faria, mostrando não acreditar em semelhantes abusões. Vid. Ruy de Pina, Chronica de D. Duarte, nos «Ineditos de historia portugueza», publicados pela Academia, vol. I, pag. 76.

D. Duarte escreveu varias obras cuja lista está publicada no «Diccionario Bibliographico» do sr. Innocencio Francisco da Silva. Ácerca do alcance philosophico da sua obra de maior tomo, «O leal conselheiro» póde ver-se o livro do sr. J. J. Lopes Praça, «Historia da philosophia em Portugal», Coimbra, 1868, vol. I, pag. 38. O catalogo da sua livraria encontra-se em Sousa «Provas da historia genealogica», vol. I, pag. 544. Vid. o artigo do sr. Innocencio Francisco da Silva no «Panorama» de 2 de outubro de 1854.

(2) Vid. Fernam Lopes, Chronica de el-rei D. João I. part. II, cap. 149.

(3) Ibid., part. III, cap. 73.

(4) Existe na livraria da Academia uma copia d'este livro com o seguinte titulo «Vertuoza Bemfeytoria» pelo infante D. Pedro, filho de el-rei D. João I, mandada copiar do manuscripto na livraria da Cartuxa de Evora, por ordem do ex.^mo^ sr. D. Antonio de S. José de Castro, bispo do Porto, patriarca eleito de Lisboa, governador do reino e socio

honorario da Academia real das sciencias de Lisboa.» A copia é em excellente calligraphia e está ricamente encadernada em carneira vermelha. Sobre a influencia litteraria d'este principe, diz o sr. Theophilo Braga no livro I, cap. III dos «Poetas palacianos», Porto, 1872, 1 vol. «que o infante D. Pedro e sua familia foram os que mais trabalharam para a nossa riqueza litteraria do seculo XV»; e accrescenta o sr. D. José Amador de los Rios, na sua importantissima obra «Historia critica de la litteratura española», vol. VII, pag. 71, «era el infante de Portugal, duque de Coimbra, uno de los hombres más illustrados de su tiempo». Correspondeu-se em verso com o celebre poeta castelhano Juan de Mena. Os versos do infante, a resposta tambem em verso de Mena, e a replica de D. Pedro encontram-se no «Cancioneiro» de Rezende, fol. 72 (pag. 70 do II vol. da ed. do dr. Kausler, Stuttgart, 1848). No mesmo «Cancioneiro» e em seguida a esta correspondencia, estão mais versos do duque de Coimbra, e entre elles as celebradas coplas em hespanhol «De contempto del mundo». Foi filho do infante, outro D. Pedro, que tendo sido condestavel de Portugal e governador do mestrado d'Aviz, perdeu estes importantes cargos depois da batalha de Alfarrobeira, recolhendo-se a Castella. Passados annos foi restituido ás mesmas dignidades, e achava-se em Ceuta em 1463, no exercito portuguez, quando uma deputação de catalães lhe veiu offerecer a corôa de Aragão, depois da morte de D. Carlos de Viana. D. Pedro partiu para Barcelona e chegou a intitular-se rei de Aragão. Vencido pelo principe D. Fernando, morreu obscuramente em 1466, com 35 annos de edade (Amador de los Rios, cit., pag. 82). Foi a este D. Pedro que o marquez de Santillana, D. Inigo Lopez de Mendoça, dirigiu a celebre carta que tão aproveitada é pelos historiadores da litteratura hespanhola, desde que foi publicada por Thomaz Antonio Sanchez «Colleccion de poesias castellanas anteriores al siglo XV», Madrid, 1779, no vol. I, pag. XLIX. Esta carta acha-se reproduzida na edição das obras do marquez de Santillana feita por Amador de los Rios, pag. 1. A este respeito consulte-se a mesma obra, pag. LXXXIX e a anteriormente citada do mesmo auctor, vol. I, pag. LV, e vol. VI, pag. 126.

Ácerca do infante D. Pedro e sua familia póde tambem ver-se: «Conselho e voto da senhora D. Filipa, filha do infante D. Pedro, sobre as terçarias e guerras com Castella, com huma breve noticia d'esta princeza, pelo dr. fr. Francisco Brandão», Lisboa, 1643, a pag. 15.

Cabe aqui dizer que depois de Alfarrobeira, quando D. Pedro foi, como hoje diriamos, demittido do cargo de governador do mestrado de Aviz, el-rei D. Affonso V nomeou para esta alta dignidade o nosso

D. Henrique, seu tio, já governador da ordem de Christo («Arch. Nac. da Torre do Tombo», Misticos, liv. III, fol. 121). Ruy de Pina diz-nos, porém, que o papa «nunca lh'o (o mestrado de Aviz) quiz confirmar, dizendo que se nom podia confiscar, nem elle o perder como as outras cousas seculares» («Chronica de D. Affonso V», cap. CXXXVII: nos «Ineditos da historia portugueza», vol. I, pag. 456).

(5) O titulo da obra de Gomes de Santo Estevam é «Livro do infante D. Pedro». Esta brevissima e falsissima narração da celebre viagem do infante é um pequeno folheto que foi muitas vezes reimpresso. O sr. Theophilo Braga reputa o livro de origem hespanhola («Poet. Palac.» pag. 112); da mesma opinião parece ser o erudito Innocencio Francisco da Silva no seu «Diccionario Bibliographico» (verbo Gomes de Santo Estevam). Ás razões apontadas por este profundo investigador, posso accrescentar que bem parece denunciar a origem hespanhola do livro, a resposta constante que o infante e os seus companheiros dão, quando os interrogam sobre a sua nacionalidade. Por certo que se não diria subdito de el-rei de Leão um filho de D. João I. A narrativa em si mesma é indigesta e desengraçada, e sem algum valor litterario. Tem patranhas no genero d'estas: na Arabia existe um rio que em vez de agua tem pedras, as quaes correm quando as impelle o vento; dos treze porteiros que se encontram até chegar ao throno do preste João, doze são bispos e um é arcebispo.

Ácerca da lenda do infante D. Pedro, vid. o já citado vol. do sr. Theophilo Braga, e o «Cancioneiro e romanceiro geral», do mesmo auctor. Porto, 1867, 2 vol., no vol. I, pag. 194 e nota.

(6) Fr. João Alvares. «Chronica dos feytos, vida e morte do infante Santo D. Fernando, emendada por fr. Jeronymo de Ramos». Teve varias edições, como se póde ver no «Diccionario Bibliographico» de Innocencio Francisco da Silva, verbis João Alvares e Jeronymo de Ramos.

(7) Fr. João Alvares, cap. XXXVIII. É admiravel o pranto que sobre o cadaver do infante soltaram os seus companheiros, como nol-o refere este escriptor. Começa assim: «Partio-se de nós quem tinhamos em logar de Senhor e Pay, o qual quebrou nossa fortaleza e desfez nossa deleytosa companhia. Alongado é de nós, o nosso sobejamente querido; não se poderão achar homens a nós semelhantes, etc.

(8) «Lusiadas», canto IV, est. 52.

(9) Fr. Thomé de Jesus, «Trabalhos de Jesus», trabalho V.

(10) «Saudades da terra», cap. I.

(11) Barros, «Decada I», liv. I, cap. II.

(12) Sobre a lenda do «Santo Contestabre» D. Nuno Alvares Pereira, e o culto que lhe rendia o povo, vide o sr. Theophilo Braga, «Cancioneiro e romanceiro geral», vol. I, pag. 68. As seguidilhas que cantavam sobre a sepultura do condestavel, encontram-se de pag. 10 a 13 do II vol. da mesma obra. Vid. tambem além dos livros geralmente conhecidos e citados, os dois seguintes opusculos «Memoria sobre a phase christã do grande condestavel», pelo sr. padre J. A. da Conceição Vieira, Lisboa, 1871; e «Algumas noticias ácerca do sumptuoso templo de Nossa Senhora do Monte do Carmo», Lisboa, 1877, por F. M. de A. iniciaes do erudito conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa, o sr. Francisco Martins de Andrade, a quem peço me releve a divulgação de um segredo, que já o não é para muitos.

(13) «Lusiadas», canto V, est. 4.

(14) Prologo da Nau Cathrineta, no vol. III, pag. 84 do «Romanceiro». Vid. sobre este ponto o sr. Theophilo Braga, «Cancioneiro», vol. I, liv. I, cap. IV, pag. 128. É na verdade singular e inexplicavel esta falta de lendas maritimas n'um paiz como o nosso. Garrett no prologo citado torna a culpa d'isto aos frades. Não me parecem muito convincentes as suas razões. As lendas maritimas, a formarem-se, deveriam ter entrado na poesia popular, muito antes que imperasse o classicismo, que, segundo Garrett, as proscreveu com uma sentença de que não houve appelação nem recurso. E se ellas houvessem creado raizes, não seria por certo bastante o poder de todos os frades juntos para as estirpar dos nossos romanceiros. Bem contrarias aos preceitos e dogmas religiosos são algumas lendas de origem mourisca, immoralissimas são outras muitas, e comtudo lá as encontrou Garrett vivas e bem vivas na memoria do povo. É mister pois buscar outra explicação. Qual seja a verdadeira não n'o sei eu. Algumas se poderão dar, mas a meu ver não satisfazem. Não cabendo aqui a discussão d'este curioso ponto da nossa historia, limito-me a indical-o, deixando a outros, mais competentes do que eu, o cuidado e o trabalho de resolverem o problema. Como observação ultima notarei, que não faltam dispersos bastantes elementos maravilhosos que poderiam compor a nossa lenda maritima. Além dos que se encontram na «Historia Tragico-Maritima», Garrett cita alguns, e entre outros em a nota *a* ao canto V do seu Camões a superstição que levava os marinheiros a darem o nome de *almas dos mestres* a umas avesinhas que de noite no alto mar soltam sentidissimos e largos pios. Sobre o *Santelmo* veja-se o «Cancioneiro» cit. do sr. Theophilo Braga, vol. I, pag. 132.

Existe uma traducção portugueza, do seculo XIV, do celebrado

hymno catholico «Ave Maris Stella» em que a virgem é invocada como protectora dos mareantes. Encontra-se esta traducção nos ineditos publicados por fr. Fortunato de S. Boaventura, vol. I, pag. 5, e está reproduzida no «Cancioneiro» do sr. Theophilo Braga, vol. II, pag. 17.

Este ensaio de poesia religioso-maritima parece não ter tido seguimento.

(15) «Chronica do descobrimento e conquista de Guiné», cap. VII.

(16) «Decada I» liv. I, cap. II.

(17) «Chronica do principe D. João», cap. VII.

(18) Refiro-me ás seguintes obras: Gustav de Veer, Prinz Heinrich der Seefahrer und seine Zeit, Danzig, 1864, 1 vol.; e R. H. Major. «The life of Prince Henry of Portugal surnamed the Navigator.» London 1868. I vol. N'este anno de 1877 appareceu em Londres uma segunda edição d'esta valiosa obra, mais resumida do que a primeira, com o titulo «The discoveries of Prince Henry the Navigator.» Da primeira edição ha uma traducção portugueza devida á pena do sr. José Antonio Ferreira Brandão, e publicada a expensas do sr. duque de Palmella. Foi impressa na Imprensa Nacional e contém todas as gravuras que se encontram na edição ingleza. A Academia incumbiu ha pouco o illustre academico o sr. Pinheiro Chagas de fazer uma nova traducção; com algumas correcções de que ha mister o trabalho original, aliás muito erudito e importante, do meu amigo M. Major.

(19) Francisco José Freire. «Vida do infante D. Henrique», Lisboa, 1758, 1 vol. Vid. a este respeito o Diccionario de Innocencio Francisco da Silva.

(20) Veer, cit., pag. 69.

(21) «Chronica de D. João I», part. II, cap. CXLVII e CXLVIII.

(22) «Chronica de Guiné», cap. IV.

(23) D. José Amador de los Rios. «Historia... de los judíos de España y Portugal.» Madrid, 1876, vol. II, pag. 299.

(24) Ibid., vol. I, pag. 141, onde vem a dramatica historia do Rabbi Moseh-Aben-Hanoch, reformador da Academia de Cordova.

(25) Ibid., vol. II, pag. 450.

(26) D. José Amador de los Rios. «Historia critica de la litteratura española», vol. III, pag. 632 e seguintes. Entre as muitas obras mandadas escrever ou traduzir por D. Affonso o sabio, podem em especial apontar-se as seguintes:

«Tablas astronomicas», por Jeduhah-bar-Moseh-ben-Mosca e Rabbi Zag-ben-Zacut.

«O Livro da Oitava Sphera», traduzido do arabico e chaldaico.

«O Livro da Esphera» escripto em arabe por Costha e traduzido por João d'Aspa e Hyuda-el-Cohen.

Os dois «Livros do Astrolabio Plano e do Astrolabio Redondo» pelo Rabbi *Zag*.

«O Livro de la Azafeha» (tractado de astronomia), traduzido por mestre Fernando de Toledo.

A «Lamina Universal», traduzido do arabe pelo mesmo Rabbi *Zag*.

Sobre a influencia dos arabes nos estudos cosmographicos da edade média, vid. Lelewel, cit. na nota 44 passim. Viardot, «Hist. des arabes et des mores d'Espagne», vol. II cit., pag. 173. Montucla, «Historia das mathematicas», vol. I, part. III, liv. I. Antonio Ribeiro dos Santos. «Memoria sobre alguns mathematicos port.» (nas de Litteratura da Academia, vol. VIII, pag. 148.) Stockler, cit. D. Francisco Fernandes Gonzales, «Plan de una Biblioteca de autores arabes españoles». Madrid, 1863. A. de Humboldt, «Kosmos», vol. II, part. I, cap. V.

(27) Major, «Life», pag. 47 e auctores ali citados.

(28) «Chronica de Guiné», cap. VII.

(29) «Chronica do principe D. João», cap. VII.

(30) Pinheiro Chagas, «Hist. de Portugal» vol. III, pag. 59. A carta de micer Pesanha encontra-se a pag. 95 do vol. II, das «Provas da historia genealogica.»

(31) Pinheiro Chagas, cit., vol. II, pag. 95. Comtudo estes navios eram muito pequenos. Garcia de Rezende diz na «Chron. do Principe D. João», cap. 67, que a armada mandada apromptar para ir á Africa, por D. João II, em 1487, se reunio em Povos e Villa Franca.

(32) «Escretvras da Ordem de Christo» Collecção mss. de Pedro Alvares vol. III, fol. 35 v.º (Sala dos mss. da Bibliotheca Nac. B 12–20).

(33) «Chronica de Guiné», cap. XVIII. Vid. Major. «Life», pag. 51.

(34) Dr. Schmeller. «Ueber Valentim Fernandes alemã und seine Sammlung von Nachrichten etc.» Munich, 1847.

(35) «Collecção de Pedro Alvares», vol. III, fol. 13

(36) «Chronica de Guiné», cap. VIII.

(37) «Decada I», liv. I, cap. IV. Ainda no tempo de D. Affonso V havia quem fosse opposto aos descobrimentos e conquistas. Vid. a carta do frade de S. Marcos, cit. pelo sr. A. Herculano. «Hist. da Inquisição», vol. I. pag. 94. Paulo Jovio, no sec. XVI, chama «insanas» ás navegações dos portuguezes. Consulte-se a mem. do Card. Saraiva «Reflexões ácerca do infante D. Henrique» nos «Annaes marit. e colon.», vol. I, pag. 503 e nota.

(38) Nota *b* ás «Memorias historicas sobre alguns mathematicos

portuguezes», por Antonio Ribeiro dos Santos (nas de Litteratura da Academia, vol. VIII.

(39) «Chronica de Guiné», cap. IV.

(40) O titulo da obra de Bacon é «New Atlantis.» Ficou incompleta. N'ella descreve a cidade ideal das sciencias physicas.

(41) Olavio Rudbechio, filho d'outro. O titulo da obra é «Atlantica Illustrata.» Citado por Moreau de Jonnès na obra indicada na nota 43.

(42) Citado tambem por Moreau de Jonnès.

(43) Moreau de Jonnès. «Ethnographie Caucasienne.» Paris 1863, pag. 223 e seguintes. Sobre a Atlantida, vide tambem L. Viardot. cit. vol. II, pag. 206.

(44) A exposição que faço dos conhecimentos geographicos e cosmographicos na edade média é principalmente extraída das seguintes obras: A. de Humboldt «Histoire de la Géographie du Nouveau Continent.» Paris, 2 vol. J. Lelewel, «Géographie du Moyen Age.» Breslau et Bruxelles, 1852–1857, 4 vol.; e visconde de Santarem, «Essai sur l'histoire de la cosmographie et de la cartographie pendant le moyen âge». Paris, 1849-1852, 3 vol., e um atlas primorosamente gravado e illuminado. Esta explendida publicação, cujo atlas completo é infelizmente muito raro e de elevado preço, foi feita a expensas do governo portuguez.

(45) Sobre geocentrismo e suas consequencias, vid. Draper «Les conflits de la science et de la religion.» Paris 1870, cap. 6.

(46) Santarem, «Essai» vol. I, pag. 81.

(47) Ib., pag. 104.

(48) Ib., pag. 322, e «Recherches sur la découverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique au delà du Cap Bojador.» Paris, 1842, pag. XXXVIII. Lelewel, cit., vol. I, § 12 e 65, vol. II, § 136.

(49) «Recherches» pag. LVI e seguintes, e pag. CII em a nota.

(50) Ib., pag. 108.

(51) J. J. da Costa Macedo. «Memoria em que se pretende provar que os arabes não conheceram as Canarias antes dos portuguezes.» (Na Historia e Memorias da Academia das Sciencias, 2.ª serie, vol. I pag. 38.)

(52) Sobre o Elysio e seus mythos, vid. Cox. «Mythology of the aryan nations.» Vol. I, pag. 346, e vol. II, pag. 321.

(53) Macedo, cit., pag. 84.

(54) «Diario da primeira viagem«, dias 13 e 15 de janeiro; cit. por Humboldt, «Hist. de la Géograph.» Vol. I, pag. 337.

(55) Macedo, cit., pag. 122.

(56) Hampson. «Medii aevi kalendarium.» London, vol. I, pag. 57. Cita o veneravel Beda, «Historia Ecclesiastica.» Liv. I, c. 20.

(57) Macedo cit. pag. 70. Ozanam, «Oeuvres», vol. V, pag. 373. Montalembert, «Les Moines d'occident», vol. III, pag. 90. Humboldt, «Hist. de la Géograph». vol. II, pag. 163. Azurara acreditava na ilha de S. Brandam; vid. «Chronica de Guiné» cap. 7, e a nota de Santarem.

(58) Durou até muito tarde a crença nas ilhas mysteriosas perdidas nas solidões do oceano. Póde consultar-se a este respeito o erudito e interessante trabalho do sr. B. J. de Senna Freitas «Memoria historica sobre o intentado descobrimento de uma supposta ilha» Lisboa, 1845 Ahi são apontadas varias expedições que partiram em busca d'esta ilha, e que se realizaram nos annos de 1462, 1474, 1486, 1591, 1649 e 1669. A ultima foi em 1770, e trouxe tal descredito aos que ainda conservavam esta antiga crença, que o capitão general dos Açores, D. Antão d'Almada, prohibiu por um bando, que n'ella se fallasse. Na Bib. Nac. (sala dos mss. B 8, 16, num. 2) ha uma curiosa relação de dois franciscanos, fr. Antonio de Jesus e fr. Francisco dos Martyres, na qual narrando a viagem que emprehenderam em 1669, juram *in verbo sacerdotis*, haverem sido lançados por um temporal, na celebre ilha onde encontraram gente portugueza, governada por um rei tambem portuguez e venerando ancião de mais de 130 annos. Esta relação foi impressa pelo sr. Theophilo Braga, «Cancioneiro e Romanceiro Geral». Porto, 1867, vol. II, pag. 211. A lenda das ilhas mysteriosas foi aproveitada para a lenda de D. Sebastião, o encoberto, e a relação dos dois frades é provavelmente um dos muitos papeis pertencentes a este cyclo lendario.

(59) «Decadas I» liv. I, cap. II.

(60) «De prima inventione Guineæ.»

(61) Archivo Nacional da Torre do Tombo. «Chanc. de D. Affonso V.» liv. V. f. 17, v.° Vem transcripto em Pedro Alvares. vol. III, f. 28 v.° O diploma é de 3 de fevereiro de 1446.

(62) Azurara. «Chronica do descobrimento e conquista de Guiné», cap. 9.

(63) Santarem, «Essai» cit., vol. I, pag. 296.

(64) Fallando em bussola, não póde esquecer a um portuguez lembrar a admiravel descripção d'este instrumento, que em primoroso latim escreveu o nosso D. Jeronymo Osorio no seu livro de «Rebus Emmanuelis gestis» e que principia «Vasculum est e ligno factum». Está a pag. 95 da ed. de Coimbra de 1791. Não sei qual seja mais para admirar, se este trecho, se a sua versão em portuguez por Francisco Manuel do Nascimento, na qual o poeta tão fiel e elegantemente traslada

para a nossa lingua, sem o auxilio de uma só palavra technica, a formosa pintura que na lingua de Virgilio executou o bispo de Silves. Vid. «Da vida e feitos d'el-rei D. Manuel». Lisboa 1804. pag. 76.

(65) Santarem, «Essai» cit. vol. I pag. 301.

(66) «Ensaio historico sobre a origem e progressos das mathematicas em Portugal». Paris, 1819, pag. 22.

(67) Archivo Nacional da Torre do Tombo, «Chanc. de D. Affonso V», liv. 19 f. 17 v.º A carta é de 1 de junho de 1439.

(68) Cit. por Santarem, «Recherches» pag. 191. Os capitulos da chronica de D. João II por Garcia de Rezende em que vem referida esta historia teem na edição gothica os numeros XXIV, CXLIX e CLXXVI, como diz Santarem, porém na realidade não lhes competem estes numeros, mas sim os immediatamente seguintes, pois que a numeração do capitulo XVI é repetida, ficando d'ahi em diante atrazados todos os capitulos. Este erro está emendado na edição de 1752, de modo que n'esta os capitulos a citar são os XXV, CL e CLXXVII. Sobre o uso das velas latinas, vid. o § 93 da «Dissertacion historica sobre la parte que tuvieron los españoles en las guerras d'ultramar» por D. M. F. de Navarrete (vol. V das Mem. de la R. Acad. de Historia. 1817).

Era tal o ciume com que se guardava o segredo dos descobrimentos, que os procuradores do povo, nas côrtes de Evora de 1481, querendo convencer el-rei de que não consinta estrangeiros que prejudiquem o commercio nacional, dizem «os froremtiis e genoeses em estos regnos numca fezerom proueito saluo... descobrir vosos segredos da mina e jlhas (Santarem, «Mem. das Cortes Geraes», vol. II, pag. 219).

(69) É a obra cit. na nota 48.

(70) É a obra citada na nota 18.

(71) Archivo Nacional da Torre do Tombo. Coll. de Bullas. Maço 26, num. 10. Encontra-se o summario d'este diploma pontificio no «Quadro Elementar», vol. X, pag. 90. Vem transcripto em latim e portuguez na collecção citada de Pedro Alvares, vol. V, f. 194 v.º

(72) «Viagem de Aluise de Cá da Mosto» (orthographia verdadeira, e não Cadamosto), em Ramusio «Delle Navigationi et Viaggi». Venetia 1563, vol. I, pag. 96. v.º Está publicada em portuguez na «Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas.»

(73) Collecção cit. de Pedro Alvares, vol. III, f. 29 v.º

(74) Pinheiro Chagas, «Historia de Portugal», vol. II, pag. 215.

(75) Sobre os descobrimentos das Canarias, vid. Pinheiro Chagas, cit. vol. II, pag. 220, onde se encontrará o resumo dos argumentos de Major e outros. A passagem de Boccaccio a que se allude na obra do illus-

tre academico, e que foi publicada por Ciampi em 1827, fôra já discutida pelo erudito secretario perpetuo da Academia o conselheiro Macedo, no seu «Additamento á memoria sobre a época em que principiaram as nossas navegações» (no vol. II, parte II, pag. 127 das Memorias da Academia) e por Santarem na sua nota 1 a pag. 54 da edição da «Chronica de Guiné», por Azurara.

(76) Dr. Schmeller cit.

(77) Sobre a questão da descoberta da Madeira por Machin, vid. Pinheiro Chagas, «Historia de Portugal,» vol. II, pag. 234, e os auctores por elle citados. Consulte-se egualmente a obra do dr. Gaspar Fructuoso «As saudades da terra» publicada e annotada pelo sr. Alvaro Rodrigues de Azevedo. Funchal 1873. I vol., na qual se encontrará no cap. IV a opinião do auctor, e a pag. 348–429, uma mui erudita nota do sabio editor, em que são discutidas e apreciadas as opiniões dos varios auctores que escreveram sobre este ponto. Leia-se o que a este respeito escreve o illustrado sr. Theophilo Braga «Poetas palacianos» liv. I, cap. II, pag. 88 e seguintes. Vid. tambem uma interessante correspondencia trocada entre o insigne academico o sr. Pinheiro Chagas e o eminente escriptor o sr. Camillo Castello Branco. As duas cartas do segundo saíram no *Diario Illustrado* (de Lisboa) 1877 num. 1527 e 1532 de 26 de abril e 2 de maio. As respostas do sr. Pinheiro Chagas encontram-se no *Diario da Manhã* (de Lisboa) num. 542 e 547 de 27 de abril e 3 de maio de 1877. Além das muitas orthographias do nome *Machico* apontadas pelo sr. Camillo Castello Branco encontro outra, *Matschico*, no tratado de Diogo Gomes, intitulado: «De insulis primo inventis in mare oceano occidentis» publicado, como já disse, pelo dr. Schmeller. O texto reza: «Milles quidam nomine Tristan (Teixeira) petiit D. Infantem ut ei daret aliam partem insulae de Madeira, quae etiam erat terra optima, ad populandum, quae *nunc vocatur Matschico.*» No outro tratado do mesmo auctor publicado tambem por Schmeller falla-se em certo corsario chamado *Machin.*

(78) O infante, apesar de exercer o cargo de grão mestre da ordem de Christo, nunca professou; e é provavel que por este motivo tomasse o titulo de governador e regedor da ordem e não de grão mestre. Uma bulla expedida em 1442 pelo papa Eugenio IV, auctorisou-o a conservar os seus bens e deixal-os em herança a quem lh'aprouvesse (Coll. mss. de Pedro Alvares, cit. vol. 3, f. 13).

N'um cap. das côrtes d'Evora de 1481 pedem os povos a el-Rei que não proveja em pessoa alguma os mestrados de Santiago e Aviz; mas que em si os retenha; e outrosim que sejam dadas commendas tão

sómente por serviços no ultramar (Santarem, «Mem. das Cortes Geraes», vol. 2, pag. 167).

(79) Collecç. cit. vol. 3, f. 55 v. °A carta é do 19 de setembro de 1460.

(80) Quasi todas as cartas de doações e mercês concedidas ao infante pelos reis D. Duarte e D. Affonso v alludem ás despezas feitas por elle e pela ordem, para os descobrimentos. Alguns d'estes diplomas vão citados em a nota 84.

(81) Este cartorario é Pedro Alvares, cujo nome tantas vezes mencionei n'este trabalho. São cinco os volumes da sua leitura nova, e n'elles se contém mui importantes noticias para a vida de D. Henrique. Ácerca do facto especial a que se refere esta nota, diz no vol. 5. f. 194 v.° que o infante D. Henrique «começou esta conquista á custa e despeza dos bens e rendas d'esta ordem.»

(82) Definições e estatutos dos cavalleiros e freires da ordem de Jesu Christo. Lisboa 1628. Parte I, tit. 3.

(83) Por exemplo a bulla de Sixto IV de 21 de junho de 1481, cuja traducção em vulgar por Vasco Fernandez, do conselho de D. João II, vem transcripta na integra na coll. de P. Alvares, vol. 5, f. 195. e muitas outras, das quaes se podem ver transcripções nos summarios ou seguintes obras, originadas por uma controversia que houve no começo d'este seculo ácerca do padroado da ordem de Christo: José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (depois bispo de Pernambuco e de Elvas e inquisidor geral), «Allegação juridica sobre o padroado das igrejas e beneficios do Cabo Bojador para o sul» Lisboa, 1804. A esta obra que é rara, por se haverem mandado recolher todos os exemplares, respondeu o dr. Dionizio Miguel Leitão Coutinho com a sua «Refutação da allegação juridica etc.» Lisboa 1806, a qual por sua vez provocou da parte do bispo uma replica que elle intitulou «Commentario para intelligencia das bullas etc.» Lisboa 1808.

(84) Fôra muito longo referir no texto os documentos comprovativos dos grandes gastos do infante. Aqui poderei mencionar os seguintes:

A sua constituição já cit. de 26 de dezembro de 1458, em Pedro Alvares, vol. 3. f. 29 v.°

A carta de D. Affonso v, concedendo o exclusivo da navegação do Cabo Bojador em diante ao infante (Arch. N. da Torre do Tombo, Chanc. de Aff. v, liv. v, f. 17 v.°). Este documento é de 3 de fevereiro de 1446. Parece que foi depois confirmado, porque na coll. de P. Alvares. vol. 3, f. 28 v.° encontrei outro para o mesmo fim de 15 de setembro de 1448.

A carta de D. Duarte de 25 de setembro de 1433, confirmada por

D. Affonso v, primeiro em 10 de março de 1449 e depois em 1 de junho de 1459, em que é concedido ao infante «o quinto do que a nós pertence de haver de todalas couzas que filharem e prearem quaesquer navios e fustas que elle armar e trouver d'armada á sua custa... em que andarem seus capitães» (Chanc. de D. Affonso v, liv. 20, f. 38 e liv. 18 f. 19.

Carta de D. Affonso v de 10 de março de 1449: «o infante D. Henrique... nos enviou dizer... que se nos aprouvesse, que as (ilhas dos Açores) mandaria povoar» (Chanc. de D. Affonso v, liv. 20, f. 37 v.º)

E outros que por brevidade omitto.

(85) Azurara. «Chron. da Guiné». Cap. 9.

(86) Ibid.

(87) Barros. «Decada I», liv. 1, cap. 4.

(88) «Chron. de Guiné», cap. 9 e 10. O cardeal Saraiva, no seu «Indice Chronologico das Navegações» hesita sobre a data d'esta viagem. É certo porém que a obra do erudito prelado estava publicada, antes que, por diligencias dos srs. viscondes da Carreira e de Santarem, viesse a lume a chronica contemporanea do infante, que por ordem d'el-rei D. Affonso v, escreveu o seu chronista Azurara.

(89) Alexandre M. de Castilho, «Os Padrões dos Descobrimentos» 1.ª Mem.

(90) Arch. N. da Torre do Tombo. Chanc. de D. Affonso v, liv. 20 f. 38 v.º; liv. 19, f. 17 v.º; ib. ib.; ib. f. 19; liv. v f. 17 v.º; liv. 20, f. 38. D'estas cartas constam as diversas mercês enumeradas no texto. A concessão da sepultura na capella de D. João I foi-lhe dada por carta de D. Affonso v de 1 de junho de 1439, confirmada em 8 de março de 1449 (Arch. N. da Torre do Tombo, Chanc. de D. Affonso v, liv. 19, f. 18, e liv. 20, f. 38). É curioso saber-se que obtivera já anteriormente jazigo para seus creados no mosteiro da Batalha. Cartas de 24 d'agosto de 1436, 12 d'abril de 1439, e 10 de março de 1449 (loc. cit).

(91) Vid. Bullas citadas na nota 83.

(92) Vid. nota 103.

(93) Santarem, «Recherches» pag. 113 e seguintes.

(94) A maioria dos escriptores, inclusivè os modernos taes como Mr. Major, Lelewel e outros, admittem a existencia de uma verdadeira escola em Sagres. Querem alguns explicar o silencio dos mais antigos chronistas, allegando que foram destruidos os archivos d'esta escola, que assim não deixou vestigios com que podesse reconstruir-se a sua historia. O illustre Ferdinand Denis, a quem o nosso paiz nunca poderá pagar os eminentes serviços que d'elle ha recebido, affirma, segundo vejo

n'um artigo sobre Azurara, publicado na «Revue de Bibliographie» cujo original não li, mas que encontrei traduzido a pag. 29 do 2.º vol. dos «Annaes Maritimos e Coloniaes», o illustre F. Dinis affirma que Azurara, conforme o ouviu ao visconde de Santarem, destruira entre muitos papeis da Torre do Tombo, o archivo de Sagres. É certo que Azurara, no dizer de João Pedro Ribeiro («Memorias para a historia do Real Archivo», pag. 21) teve de anniquilar muitos papeis do archivo, porque assim fôra exigido nas côrtes de 1459 pelos procuradores do povo, cançados do elevado preço das buscas; mas não é menos certo que n'esta queima não havia motivo para comprehender os papeis de Sagres. O infante, que no seu testamento, abaixo transcripto, refere com tanta minudencia todas as suas fundações, não falla nem uma vez na escola de Sagres. O mesmo silencio guardam todos os documentos da época que pude examinar. Tenho pois por assente, que em Sagres nunca existiu uma escola no sentido em que geralmente se entende a palavra.

Egual observação cabe fazer ácerca da cadeira de mathematica, que varios auctores querem que fosse pelo infante fundada e dotada na universidade de Lisboa. Algumas aproximações de textos e de datas levaram a esta conclusão; mas nem Miguel Leitão Ferreira nas suas «Memorias Chronologicas da Universidade de Coimbra», diz palavra a este respeito, nem é mais explicito o infante no seu testamento, apesar de se não esquecer de fallar na cadeira de theologia que instituiu na mesma universidade.

(95) São interessantes os seguintes documentos que provam o que dizemos no texto.

Carta de D. Affonso v de 11 de março de 1449, confirmando a de D. João i de 30 d'outubro do anno de 1422, permittindo que o infante dê de sesmaria varias herdades da ordem de Christo (Chanc. de D. Affonso v, liv. 20, f. 38 v.º).

Carta de D. Affonso v de 14 de março de 1449, privilegiando até 30 homens para lavrarem a granja d'Alpriate (Ib. f. 40).

Carta do mesmo de 8 de março de 1449 privilegiando 10 ovelheiros de 200 ovelhas cada um, que D. Henrique trazia no couto d'Alcobaça (Ib. f. 38 v.º).

Carta de D. Duarte de 25 de setembro de 1433, confirmada por D. Affonso v em 11 de março de 1449, dando ao infante o exclusivo da pesca do atum nas costas do Algarve (Ib. f. 39).

Carta de D. Duarte de 26 de setembro de 1433, confirmada por D. Affonso v em 8 de março de 1449, concedendo ao infante o exclusivo da fabricação do sabão branco e preto e sua venda (Ib. f. 39, e liv. 19, f. 18).

Carta de D. João I de 2 janeiro da era de 1459 (A. D. 1421) confirmada por Affonso V em 12 de março de 1449, authorizando o infante a fazer canaes e estacadas no Rodão, para reter o peixe (Ib. f. 40 v.º).

Carta de D. Affonso V, de 15 de janeiro de 1450 concedendo ao infante o exclusivo da pesca do coral nas costas de Portugal. (Ib. liv. 34, f. 202 v.º Sinto que a falta de espaço me não deixe transcrever a integra d'esta carta que é muito curiosa por varios motivos.

Carta de D. Affonso V de 18 de maio de 1451 authorizando o infante a mandar fazer na alcaçova de Santarem quantos moinhos de vento lhe aprouvesse, e tambem moinhos em barcas no Tejo (Ib. liv. 11, f. 51, v.º).

Carta de D. Affonso V de 28 d'agosto de 1445 dando ao infante o privilegio de possuir engenhos para tinturarias de pastel (anil) (Ib. liv. 5, f. 18).

Apesar dos enormes rendimentos que devia tirar d'estas mercês, era tal a despeza do infante, que deixou dividas, como se vê do seu testamento.

(96) «Tarouca» Carta de D. Duarte de 26 d'agosto de 1435. Arch. Nac. da Torre do Tombo, Misticos 4, liv. 4, f. 44 v.º

«Pombal» Carta de D. Affonso V de 4 de maio de 1442 (Chanc. de D. Affonso V, liv. 35, f. 100 v.º).

«Viseu» Carta de D. Affonso V de 22 de fevereiro, sem anno mas parece ser de 1444 (Ib. liv. 24, f. 22 v.º).

«Thomar» Carta de D. João I de 13 d'abril da era de 1469 (C. D. 1421 (Chanc. de D. João I, liv. 4, f. 19).

Sobre esta feira de Thomar póde ver-se o que diz Pedro Alvares na sua collecção tantas vezes citada, no vol. 3, f. 1 v.º, onde refere que D. Henrique alcançou de D. João I esta feira franca, e mandou fazer *boticas* na praça, para a ordem de Christo alugar em quanto durasse o mercado. D'estas boticas e das que fez em Viseu, falla o infante no seu testamento.

Quanto aos privilegios concedidos aos que iam comprar e vender n'estas feiras, é curioso o que a este respeito diz a carta que instituiu a feira de Pombal. Entre outros privilegios podiam os feirantes andar em bestas, e usar armas; as justiças não eram auctorisadas a exercer a sua acção em quanto a feira durasse, etc.

(97) Miguel Leitão Ferreira. «Noticias Chronologicas da Universidade» § 759.

(98) Collecç. cit. de P. Alvares. vol. 3, f. 1 v.º As principaes construcções do infante em Thomar, foram o côro, a casa do capitulo, a claustra nova e a torre.

(99) Vid. Nota 109.

(100) Collecção de Pedro Alvares, vol 3, pag. 31 v.° A carta é de 18 de setembro de 1460.

D'esta data e de outras muito chegadas ha varias cartas que provam que o infante, sentindo-se proximo do seu fallecimento, quiz dar ordem a todos os seus negocios, e apparelhar-se para a morte com a mesma serenidade e coragem de que tantas mostras dera em vida.

(101) Fernam Lopes, «Chron. de D. João I.» Parte III. Cap. 40.

(102) Dizem todos os historiadores que o infante desde que esteve pela primeira vez em Ceuta em 1415, consultou amiudadas vezes os mouros ácerca das coisas d'Africa, em cujo interior traziam, havia seculos, um grande trafico, que vieram a perder com os descobrimentos dos portuguezes, e com o novo rumo commercial que d'estes descobrimentos se originou.

(103) É sabido que vieram muitos estrangeiros offerecer os seus serviços a Portugal. Todos sabem de Cadamosto, o qual na sua viagem já citada, refere que aportando a Sagres em 1444, pediu para embarcar para Africa, o que o infante lhe concedeu, dando-lhe logar na caravella de que era capitão Vicente de Lagos. N'outra viagem foi Antonio de Nolla. Em 1450 deu o infante a um cavalleiro flamengo, Jacome de Bruges, a capitania de S. Miguel. A cidade de Horta parece derivar o seu nome de outro flamengo Huerter que colonizou o Fayal e veiu a ser sogro do famoso Martim Behaim. A ilha de S. Jorge foi povoada por Van der Haagen, cujos descendentes aportuguezaram o nome, traduzindo-o para Silveira (vid. auct. cit. pelo sr. Pinheiro Chagas. «Hist. de Port», vol. II, pag. 250 e seg.)

Azurara no cap. XCIV da «Chronica de Guiné», refere que um fidalgo sueco, a quem chama Valarte, pediu para ir n'uma das expedições, ao que o infante annuiu.

Em 1441 Antam Gonçalves é acompanhado por Balthazar, fidalgo allemão da casa do imperador Frederico III, esposo da nossa infanta D. Leonor.

Em Stockler, «Historia das mathem. em Portugal», nota 15, encontro ainda os nomes de João Baptista, francez, e Liam d'Anjoz (*sic*) que tambem vieram offerecer os seus serviços ao infante.

Diz Damião de Goes, na chronica do principe D. João; cap. VI: «das quaes nauegações (do infante D. Henrique) ha admiração foi entã tamanha, que por esse só respeito vieram a estes regnos muitos homẽs letrados e curiosos, dos quaes hũs vinham cõ tenção de ir ver estas terras, prouincias e nouos costumes dos habitadores d'ellas, ou pera tambẽ ajudarẽ a descobrir outras cõ sperança do proueito que se lhes

d'isso podia seguir, outros vinhão sómente pera verẽ as cousas q̃ destas nouas prouincias hos nossos trazião, etc.»

Vid. sobre este ponto Lelewel cit. vol. 2. § 186.

(104) Vid. Azurara. «Chronicas de Guiné», cap. 25.

(105) Vid. Major, «Life» etc., pag. 61, e auctores por elle citados. Vid. tambem a memoria de Antonio Ribeiro dos Santos, sobre dois antigos mappas etc. (Mem. de Litt. da Acad. vol. 8, pag. 275).

(106) Vid. o que a este respeito conta Cadamosto que, chegando a Sagres, recebeu a visita de Antonio Gonçalves «secretario do infante» que da parte d'este lhe foi apresentar amostras de assucar e «de sangue de drago» o qual, segundo refere F. Denis, «Portugal», pag. 62, era um dos remedios mais usados n'este tempo.»

(107) Vid. em Sousa, «Provas da historia genealogica», vol. I, pag. 433, a «Memoria da familia que tinha cada um dos infantes, filhos de el-rei D. João I.»

(108) Os diversos titulos com que vae acompanhado o nome do infante constam dos seguintes documentos do Archivo Nacional da Torre do Tombo.

Senhor da Covilhã. Misticos, Liv. III, fol. 130, v.º Carta de D. Affonso V, de 4 de dezembro de 1449, confirmando outra de D. João I, cuja data não refere.

Fronteiro Mór da Beira. Ibid., fol. 181. Carta de Affonso V, de 9 de maio de 1440.

Alcaide Mór de Silves. Ibid. Liv. IV, fol. 5. Carta de Affonso V, de 15 de janeiro de 1457.

Senhor das Berlengas. Ibid., fol. 22. Carta de D. Affonso V, de 4 de dezembro de 1449.

Alcaide Mór de Viseu. Chanc. de D. Affonso V. Liv. XIX, fol. 18. Carta d'este soberano de 8 de abril de 1439 confirmando a de D. João I de 15 de fevereiro da era de 1454 (a. D. 1416).

Donatario da Madeira. Ibid., fol. 19, v.º Carta de D. Affonso V, de 1 de junho de 1439, confirmando a de D. Duarte de 26 de setembro de 1433.

Senhor de Besteiros, Lafões etc. Ibid., fol. 70, v.º Carta de Affonso V, de 10 de junho de 1439, confirmando a de D. João I, de 17 de abril da era de 1439 (a. D. 1401).

Alguns d'estes documentos são citados pela primeira vez. Cumpro gostosamente o dever de testemunhar aqui ao meu amigo o sr. João P. da Costa Bastos, digno official maior do Archivo Nacional da Torre do Tombo, todo o meu reconhecimento pelo valioso auxilio que me

prestou, na rapida busca que para esta conferencia emprehendi n'aquella repartição publica.

(109) «Chronica de Guiné», cap. IV.

(110) Por me parecer muito curioso e interessante, e por ser não só inedito mas até quasi desconhecido, o testamento do infante, vae aqui transcripto na integra.

«Em nome de nosso sñor Deos, Trindade perfecta o qual creo sem duvida nenhũa segundo manda a sancta igreja de Roma que creamos. E em nome de nosso Sñor Jesu Christo e da sua bemaventurada madre nossa sñra sancta Maria. Eu o Iffante dom Anrrique governador da ordem da cavalaria de nosso Sñor Jesu Christo, duque de Viseu, e sñor de Covilhãa. Estando em todo meu siso: temẽdo deos e a hora da morte que nõ sei quando nem onde sera, faço o meu testamento segundo se segue.

Primeiramente encomendo a alma minha e o corpo ao meu sñor deos e lhe peço que ante da resurreiçom e des que resurgir, elle me de salvaçom e me faça do conto dos seus sanctos por a sua grande misericordia e piedade. E peço a minha sñra sancta Maria por ser madre de misericordia, que peça misericordia a deos por my que me de salvaçom. E peço ao meu sñor são Luis a que des minha nacença fui encomẽdado, que elle cõ todelos sanctos e sanctas e anjos da corte celestial, roguem a deos por my que me de salvaçom.

Item mando que o meu corpo seja lançado no moymento que estaa pera my onde jaz el-Rey meu sñor e padre no moesteiro de sancta Maria da victoria. E se morrer fora, que seja lá levado chãmente, e assi seja soterrado e sem doo que mando que por my nom fação mas chãamente e honestamente seja encomendado a deos, com horas e missas acostumadas e oferta e falhas que o meu testamenteiro ouver por bem, o que farão compridamente pagar, descargando minha conciencia.

Item mando que as tres capellas que se hão de cantar pera sempre neste moesteiro em que a deos prazendo intẽdo de jazer, que se cantem segundo dello tem minha carta, e outra estaa no convento de Thomar, e assi estão todas as outras cartas das capellas que per my mando cantar: e mando que se cantem segundo que em as cartas he contheudo. E peço aos meus testamenteiros que ajão os trelados das ditas cartas, e que as fação assi cantar, segũdo em ellas he contheudo.

A el-Rey meu sñor prouve de me dar as rendas que delle tenho, dellas em merce, e dellas em minha vida, por trez annos despois de minha morte pera descargamẽto de minha consciencia. As quaes rendas som as que se seguẽ. s. o meu asentamento, e as saboarias, e as Ilhas da Madeira e porto santo e deserta e Guinea com suas Ilhas e toda

sua renda e o quinto das exavegas e as corvinas e lagos e alvor. E destas rendas e de todo o al q̃ a my pertencer, a hora da minha morte, mando que se fação estas despesas que se seguem.

Item minha sepultura, segũdo em cima fiz mençom.

Item que se paguem minhas dividas que forem sabidas per escripturas ou per outra certidoem, ou per juramento que honestamente deva ser creudo que eu devo de coisas que per meu comprador, ou per outros meus officiaes, ou per my forão tomadas, que se paguem compridamente, e assi dalgũs serviços ou carretos que se paguẽ assi. E estas dividas sejão assi pagas primeiro que al, feito meu ẽterramento.

Item despois esto mando q̃ se paguẽ meus moradores, assi de moradias, como de reções, e sejão contentos de seu serviço segundo rezão.

Item mando que depois esto, se forem achadas outras dividas, que as paguem de qualquer guiza que seja, comtanto que seião certas.

Item por quanto mujtos dos meus creados tem seus gazalhamentos de my de tenças em que viviam e a hora de minha morte serenlhe tiradas, ficarião em grande mingua e a minha consiencia encarregada: porem eu peço, por merce a el-Rey meu sñor e ao Iffante dom fernando meu mujto presado filho, e ao que ouver o mestrado depois de my, que polo de Deus (sic) e por a mim fazerem merce, que a cada um receba por seu, o que renda tiver que a elle pertença, e lha leixe em sua vida, e receba serviço como de seu creado. E a deus louvores, taes são que averão por bem empregada a merce que lhe fezerem.

Item as rendas que leixo pera se tirarem cativos e fazer esmolas pera sempre, peço ao meu testamenteiro que o faça comprir. E no convento de Thomar acharão a ordenança de como deve ser feito.

Item peço a el-Rey meu señor por merce, que elle queira ser meu testamenteiro por que seu he todo o de que eu faço este testamento, e o leixo por meu herdeiro de todo o que a my pertencer aa hora de minha morte, assi de raiz como de movel, resalvando o de que fiz herdeiro o sñor Iffante dom fernando meu filho. E do que lhe elle mais do que ficar de my quizer dar, lho terei em merce, resalvãdo Lagos, e a Ilha da Madeira, e as outras cousas que lhe prometi de querer que ficassem pera a sua coroa e de seus soccessores.

Item por que el-Rey meu sñor nõ pode per si ser testamenteiro, lhe peço por merce, que elle escolha hum que entenda que o bem saiba fazer, e outro que seja veador do testamento, e lhe encarregue que o fação, contentando-os do que for resom.

Item por quanto eu a deos louvores tenho mujtos creados, e os hũs contentei per comendas, outros per egrejas, outros per cazamentos, ou-

tros per tenças, outros per officios, outros viverão comiguo e nom merecerão o que lhe tenho dado, porem eu mando ao meu testamenteiro que esguarde bem todo. E se vir que em serviço dalgũ sou encarregado que o contente segundo sua boa discriçom.

Item por que podera ser que em minha vida eu satisfarey as dividas e creados, e leixarei pera minha sepultura que abaste, assi que el Rey meu sñr em ello nom tenha que fazer, eu o leixo porem per herdeiro, segundo em cima faço mençom, por elle ter encarrego de mandar comprir minhas capellanias, e lhe peço por merce que assi mande a seus soccessores Reys destes Reinos, que por sua bençom assi o mande comprir, e eu assi lho peço por amor de deos, e por merce. E por que esta é minha vontade, mando que esta tenha e valha. E por certidoẽs dello o fiz per minha mão, e o mandei sellar cõ o sello de meu camafeu, e com o sinete de minhas armas, e com o outro sello grande assi de minhas armas. feito na villa do Iffante a vinte e oito dias de outubro. Era de mil quatrocẽtos e sesenta. E o assinei de sinal de minha mão.

E em pero que outros condecilhos ou testamentos tenha feitos, mando que nõ valhão e que este valha e tenha.

E as capellanias que mando cantar, vão postas ẽ hũ escripto que vaj coseito em este meu testamento. Do qual escripto o theor de verbo a verbo he este que se segue.

Em nome de Deos Amen. Esta he a manda e testamento publico e aberto que o Iffante dom Anrrique fez e mandou em prezença de my publico notairo e testimunhas adiante nomeadas. E dom frey fernando Vigairo geral da villa de Thomar ec. que o cozesse em seu testamento que per sua mão fizera segũdo a verba que o dito sñor no dito testamento escreveo per sua mão. O qual testamento com esto que neste aberto mais ẽadeo, disse que havja per firme e rato e outros nenhũs nõ, posto que parecessem, por que esta é sua postumeira vontade. E primeiramente mandou aqui poer hum titolo q̃ tal he.

Estas som as egreias e capellas que eu o Iffante Dom Anrrique Regedor e governador da ordem da cavalaria de nosso sñor Jesu christo Duque de Viseu e sñor de Covilhaã, estabeleci e ordenei pera sempre em reverença e louvor de meu sñor Jesu christo e da virgem santa Maria sua madre minha senhora.

Item primeiramente estabeleci e ordenei a egreja de santa Maria dafrica situada na cidade de Cepta.

Item estabeleci e ordenei a igreja de santa Maria de Bethlem, situada em Restello termo da cidade de lixboa.

Item estabeleci e ordenei a igreja de santa Caterina, que estaa fora da villa do Iffante. E a capella de santa Maria, que estaa dentro em a dita villa.

Item estabeleci e ordenei a igreja de santa Maria da misericordia situada em a villa Dalcacer dafrica.

Item estabeleci e ordenei a principal igreja de santa Maria da Ilha da Madeira; e des hi em diante as outras que se hi ordenarom.

Item estabeleci a igreja da ilha do Porto santo e a da Ilha Deserta.

Item ordenei e estabeleci a igreja de são Luis, na Ilha de são Luis, e a igreja de são Diniz na Ilha de são Diniz: e a igreja de são Jorge na ilha de são Jorge; e a igreja de são Thomaz na Ilha de são thomaz: e a igreja de santa Eiria na ilha de santa Eiria.

Item ordenei e estabeleci a igreja de Jesu christo na Ilha de Jesu christo: e outra igreja na ilha graciosa.

Item ordenei e estabeleci a igreja de são Miguel na ilha de são Miguel: e a igreja de santa Maria na ilha de santa Maria.

Item ordenei e estabeleci per outorgamento do sancto padre Callixto terceiro toda a spiritualidade de Guinea ser outorgada aa ordem de christos. Polo qual eu emcomẽdo e mando a qualquer que fôr Vigairo ou prior ou capellão soldadado per a dita ordem em cada um egrejairo d'aquellas terras, que lhe praza cada somana ao sabado por sempre em minha vida e depois de minha morte dizer hũa missa de santa Maria, e a cõmemoraçom seja de santo spirito, com seu responso e a oraçom seja fidelium Deus.

Item ordeno e mando que os freires do convento da minha villa de Thomar, ajão a renda das minhas boticas da feira da dita villa que fiz per autoridade del Rey meu sñor e padre que deos aja. E por a dita renda dirão em cada um anno cem missas por minha alma, levando a renda da dita feira a prata em respeito de cẽ missas resadas por cada marco de prata que em a dita renda mõtar, ora muito ora pouquo.

Item ordeno e mando q̃ o lente da theologia da catedra da prima, aja em cada hum anno pera sempre doze marcos de prata, por a primeira renda dos dizimos que a ordem de christos ha na Ilha da Madeira, pello qual fara o principio no estudo, e dira certas missas e pregações segundo faz declaraçom na carta minha que lhe delo leixo. E esto em renenbrança da doaçom que lhe fiz das casas em que estaa o dito estudo.

Item ordeno e mando q̃ a see de Viseu aja a renda da feira que eu mandei fazer dentro na cerca que estaa junto com a dita cidade, cõ

condiçom q̃ o cabido a mãde arrecadar, e dee seis onças de prata a um capellão, que diga todelos sabados do anno hũa missa resada de santa Maria em minha vida e depois de minha morte segundo se contem na carta que lhe dello leixo.

Item estabeleço e mando que o moesteiro de santa Maria da victoria aja pera sempre em cada hum anno xvi marcos de prata em prata. Os quaes avera pollas rendas das terras de Tarouca e de Valdigem. E esto por diserem por minha alma assim em minha vida como depois de minha morte trez missas cada hum dia no altar de minha capella que estaa na capella Del Rey dom Johão meu sñor e padre q̃ deos aja, segundo he conteudo na carta minha que lhe dello leixo.

E por se todos estes beneficios e missas dizerem por minha alma como per my he ordenado, eu escolhi por provedor dello sentindo que o faria bem e como compre por meu serviço e bem de minha alma, frei Antão Glz. meu escrivão de puridade, Alcaide moor do castello de Thomar e assi aos seus successores. Aos quaes eu ordeno que ajam por seu trabalho pella vintena da spiritualidade de Guinea, sete marcos de prata, segundo se contem na carta minha que lhe dello leixo. E ordeno per minha carta que leixo aos Mestres, Regedores e governadores da ordem de christos que depois de my forem que constrãjão o dito provedor e seus successores, que fação comprir esto que por my he ordenado. E se negligentes forem a esto proverem, que os tirem e enlejão outros que sentirem que o fação bem e assi como compre por salvaçom de minha alma, segundo he conteudo na carta minha que dello leixo ao Mestre ou mestres, Regedores e governadores.

Item ordeno e mando que todelos meus officiaes de minha casa e assi todelos meus Almoxarifes e outras pessoas que minhas rendas, dinheiros, e outras coisas receberão, nõ embargante que me nõ tenhão dadas suas contas, a my praz principalmente pollo amor de Deos e por salvaçom de minha alma avelos por quites e livres de todo o que assi por my receberão e despenderão, a elles e seus bẽs e herdeiros. E mando a fernão salgado meu escrivão da camara e publico notairo per minha autoridade em minha caza e em todas minhas terras, que lhe dee assi dello senhos estromentos de quitaçom, assinados do seu publico sinal, os quaes eu ei por bõs firmes e valiosos pera todo sempre. E peço per merce a el-Rey meu sñor e ao sñor Iffante meu muito prezado e amado filho, e assi rogo e encomendo aos Mestres, Regedores, e governadores da ordem de christos que depois de my hi forem que lhe nõ vão contra as ditas quitações em parte nẽ em todo. Ante lhas guardem e fação comprir e guardar, por quãto a my praz e he minha merce sem em-

bargo de todo, realmente os dar por quites e livres como dito he, e lhes fazer merce, por o muito serviço que d'elles recebi.

E porem peço por merce a el-Rey meu sñor e ao sñor Iffante meu muito prezado e amado filho, e encomẽdo mando e rogo aos Mestres, Regedores e governadores da ordem de christos que depois de my forem e comẽdadores da dita ordem, que cumprão e fação comprir, pagar, e guardar estas minhas quitações per my ordenadas e cantar e dizer as ditas missas como asuso faz mẽçom, e esto per as vintenas das minhas ilhas, e de Guinea, e rendas de terras, igrejas, e comendas segundo muj cõpridamente he conteudo nas cartas minhas que de todo leixo feitas. E fação todo assi comprir e guardar realmente e com effecto por minha alma como elles desejão que Deos ordenasse que fizessem pollas suas pellos bẽs e acrecentamentos delles, e doutras rendas que leixo e fiz pera a ordem de christos. feito na villa do Iffante xiii dias do mes de Outubro da era do nacimento de Nosso sñor Jesu christo de mil ccccLx annos. Testemunhas Dom frey fernando vigairo geral da villa de Thomar, e das Ilhas ec. e o Mestre em theologia frey Johão mĩz q̃ foy confessor do dito Iffante em esta sua postumeira fim, e dom fernando deeça, e Martim Correa guarda moor do dito sõr e do seu conselho, e frey Pedro añs çaquiteiro moor, e diogo dalmeida cavaleiro de sua caza, e Johão gorizo. E eu fernão salgado, escrivão da camara do Iffante dom Anrique meu sñor e publico notairo per sua autoridade em sua casa e em todelas suas terras que esto per mandado do dito sñor escrevi, e em elle meu sinal fiz que tal he».

(Extrahido da collecção cit. de Pedro Alvares, mss. da Bib. Nac. vol. 3. f. 42 v.º e seguintes. Encontra-se tambem um traslado d'este documento n'um livro da Torre do Tombo, escripto em pergaminho com lettra do começo do sec. xvi, e contendo, além do testamento, varias cartas relativas á espiritualidade de Guiné. Não tem numero e ignora-se a sua proveniencia).

Advertencia

A muita rapidez com que esta conferencia foi escripta e impressa, não deu tempo a que se verificassem miudamente as transcripções dos documentos citados, no que respeita á orthographia e pontuação.

Para alguma falta que haja n'este particular, e para as muitas outras que receio se encontrem no texto e nas notas, peço e espero a benevolencia do leitor.